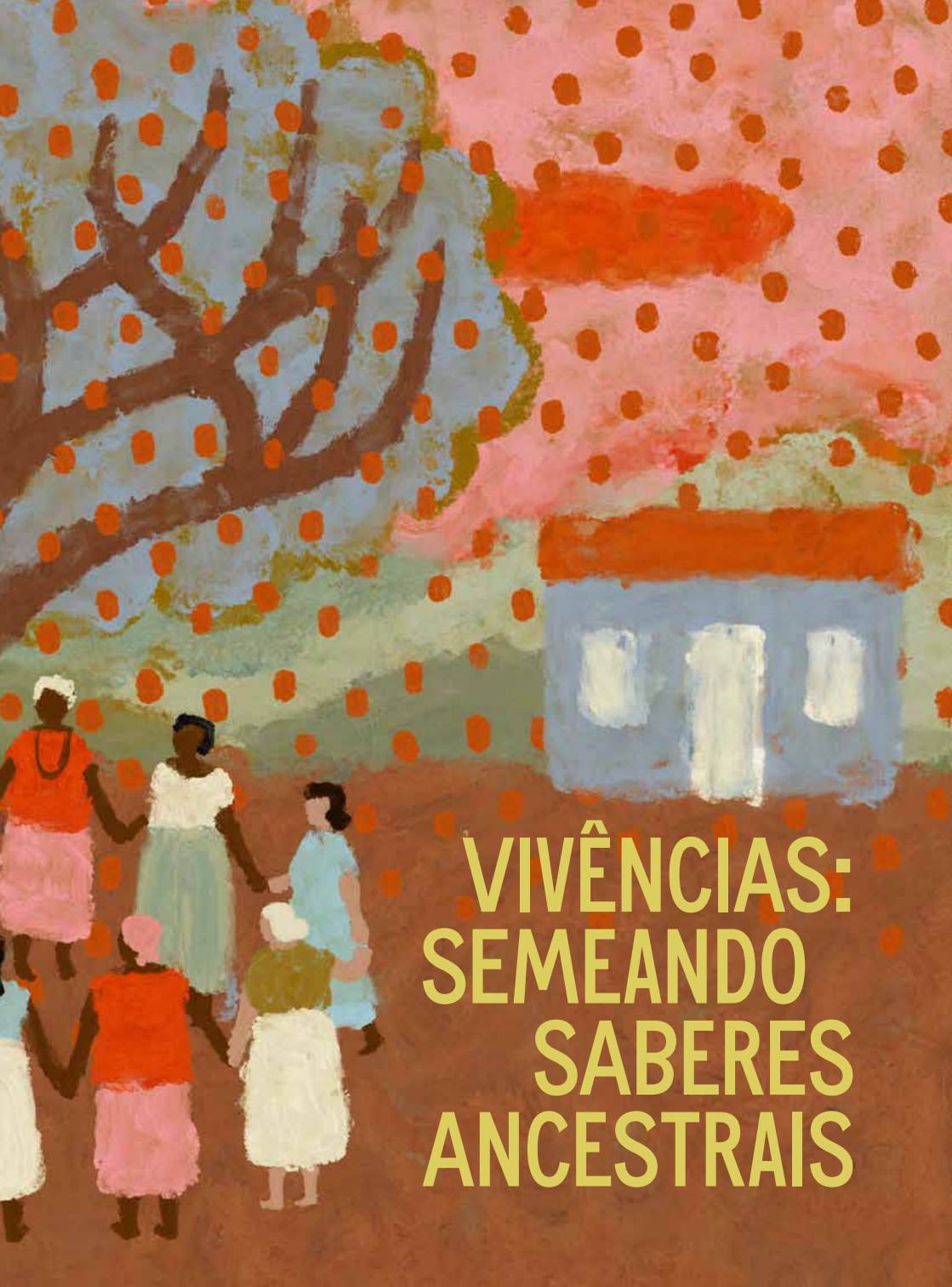


The illustration is a folk-art style painting. In the foreground, a group of six people are dancing in a circle on a brown ground. They are wearing simple, colorful clothing: a woman in a red top and pink skirt, a woman in a white top and green skirt, a woman in a blue dress, a woman in a white top and white skirt, a woman in a red top and pink skirt, and a woman in a white top and white skirt. In the background, there is a blue house with a red roof and three white windows. To the left of the house is a large, stylized tree with brown branches and a blue-green canopy. The sky is a light pink color, and the entire scene is covered with numerous small, orange, circular dots that appear to be falling from the sky. The text 'VIVÊNCIAS: SEMEANDO SABERES ANCESTRAIS' is written in a bold, yellow, sans-serif font in the lower right corner.

VIVÊNCIAS: SEMEANDO SABERES ANCESTRAIS























De fevereiro de 2023 a maio de 2024
Belo Horizonte



SEMEANDO SABERES ANCESTRAIS

∴ SUMÁRIO ∴

19 O PRINCÍPIO: OUVIR, RECONHECER E VIVENCIAR

VIVÊNCIAS

39 ALGODÃO: A SEMENTE É A ENERGIA DA MÃE

51 TERRA: TESTEMUNHA DA VIDA

61 O BARRO NO PANO, NO TECIDO, E A GENTE BORDAVA:
O ENCONTRO COM AS BORDADEIRAS DO CURTUME

69 VIVA SÃO GONÇALO: UM ENCONTRO COM AS
BORDADEIRAS DO GRANDE SERTÃO: VEREDAS

79 FAÇO RENDA, SOU RENDEIRA:
ENCONTRO COM AS RENDEIRAS DA ALDEIA

87 O NATURAL DELAS, ISSO É QUE É BONITO!

95 NO TEMPO DA MINHA MÃE, EU VIA ELA BENZER

107 PLANTAS PARA BENZER, CURAR E CUIDAR...

- 119 DA ESPIGA DE MILHO, PANO OU PAPELÃO...
- 129 PRESÉPIOS E PASTORINHAS:
UM NATAL BRASILEIRO
- 141 REINADO: EU CHEGUEI LÁ DE ANGOLA,
VIM TRAZER PAZ E ALEGRIA
- 151 PENERÔ, PENERÔ, BISCOITINHO DE FUBÁ:
ENTRE CANTIGAS E QUITANDAS
- 165 MUITO PARA ENSINAR, MUITO PARA APRENDER
- 168 FICHA TÉCNICA



**O PRINCÍPIO:
OUVIR, RECONHECER
E VIVENCIAR**

Cantadeiras, bordadeiras, cozinheiras, faxineiras, cuidadoras, mães, avós de tantos ofícios, talentos, jeitos de aprender e ensinar. Mulheres de muita fé e sabedoria que chegaram à velhice cheias de desejo pela vida e com muito para compartilhar. As Meninas e Bordadeiras de Sinhá, com seus percursos familiares tão pessoais e diversos, têm em comum o bairro em que criaram filhos e netos, construíram vínculos e desenvolveram outras culturas de resistência e sobrevivência. Valdete, fundadora do grupo Meninas de Sinhá, falecida em 2014, sabia que a alegria seria capaz de sanar, que a vida em companhia seria mais leve, e que a arte expressaria a essência e a identidade valorosa de cada uma. Um saber ancestral. “Quando o povo se une, as coisas dão certo”, como dizia. Lembrar de Valdete é também reconhecer que na memória estão nossos tesouros, os saberes que a vida nos traz e que construímos juntas. Valdete deu um sentido para a caminhada das Meninas de Sinhá, e depois de sua morte o grupo assumiu uma autonomia e convidou Patrícia Lacerda para assumir a sua coordenação. Patrícia, gestora na área da Cultura que possuía uma forte vivência com a música, abraçou o sonho e seguiu com as Meninas, realizando até hoje muitos projetos, ampliando ações para o bairro Alto Vera Cruz e para a população idosa de Belo Horizonte.

Paralelamente, Viviane Fortes está na gestão da Tingui – uma associação sediada no Médio Jequitinhonha que atua há 25 anos com grupos comunitários, principalmente de mulheres. Uma instituição que busca o fortalecimento social, cultural e econômico tendo em vista

a própria identidade, o bem viver, a alegria e a relação com um território pleno de recursos, onde está enraizada a cultura de um povo que traz seus saberes ancestrais como essência primeira. E foi justamente a atuação de Viviane junto a essas comunidades por meio de um dos principais programas da organização, o Mulheres do Jequitinhonha, que gerou o interesse de Patrícia de aproximar as experiências dessas Mulheres ao grupo Meninas de Sinhá. Patrícia convidou Viviane para pensarem juntas um projeto que reunisse as mulheres de territórios urbanos e rurais a partir de suas vivências ancestrais.

No fio dessa história nasce o projeto Semeando Saberes Ancestrais, com o desejo profundo de fortalecer a essência das mulheres e ampliar as ações para além do grupo, proporcionando experiências de aprendizado e atividades artísticas para um público ainda mais diverso. Foram muitos braços e corações para dar vida às vivências ancestrais. Um caminho inspirado nos sonhos e nas histórias de vida de cada mulher, movido pela escuta e pela atenção a elas.

Esta obra compartilha parte do projeto Semeando Saberes Ancestrais. Especialmente, narra um caminho feito ao longo de um ano de Vivências oferecidas às Meninas de Sinhá e Bordadeiras de Sinhá, grupos mantidos pela Associação Meninas de Sinhá, assim como as atividades que se ampliaram à comunidade do bairro Alto Vera Cruz. O livro ainda vai ao encontro do desejo das mulheres de que suas experiências pudessem encontrar o suporte das palavras escritas. “Para que amanhã os filhos

deles, os netos deles, os meus netos, vejam escrito aquilo que realmente é a realidade. Nós precisamos da realidade e da sinceridade”, justifica Pretinha. E Rosária reafirma: “É um legado que eu vou deixar”.



As ações do projeto começaram com a visita de Viviane às casas de várias Meninas de Sinhá. Entre cafés e quitandas, Viviane ouviu histórias e percebeu nos mais variados detalhes tantos saberes trazidos por cada uma delas. As narrativas, as cantigas, os canteiros de plantas, a forma de cozinhar e cuidar, os objetos e fotografias pela casa, tantas referências à vida próxima das matas e dos rios, como também a uma Belo Horizonte de quintais e roçados, de fogões a lenha e formas de convivência comunitária. Os saberes da terra trazidos na bagagem nunca foram esquecidos. Ficaram guardados e emergem quando necessário para lhes trazer conforto e alegria. “As Meninas de Sinhá não precisam de tantas novidades. Precisam é de tempo, espaço e ‘espelho’ para reconhecerem sua graça, sua força e sua beleza”, lembrou Viviane.

As visitas de Viviane culminaram então na elaboração de uma série de intercâmbios que proporcionaram o encontro e a vivência de saberes comuns e de novos aprendizados coletivos. Além do convite feito a diversas mulheres muito especiais, o Alto Vera Cruz recebeu a visita de outros grupos, como as

Bordadeiras do Grande Sertão: Veredas e as Rendeiras da Aldeia, de Carapicuíba/SP, que se juntaram às Bordadeiras de Sinhá, grupo de aprendizes artesãs ligadas à Associação Meninas de Sinhá, e o grupo de cantadeiras Meninas de Sinhá. Mulheres que vivem em companhia, uma companhia capaz de sanar, abrigar e potencializar a essência de cada uma.

O compartilhar da vida toca alegrias e dores, mas também chega para recordá-las de que não estão sozinhas e que carregam tanta força e beleza. E, exatamente por isso, as Vivências foram feitas em rodas de escutas, cantares, rezas, ofícios e abraços, representando para elas um espelho que reflete quem elas são. Espelho que também é atravessado pelo encontro com seus ancestrais e que as lança ao futuro que desejam construir, sabendo ainda que a velhice significa sabedoria e experiência. Junto da fé, alicerce fundamental.

A coletividade é, nesse sentido, mais que uma dimensão da memória conjunta, afinal, são muitas as experiências do grupo, feitas ao longo dos anos, desde quando Valdete plantou as primeiras sementes. A coletividade reaviva também memórias íntimas, as histórias de vida de cada uma, lembradas quando são tocadas pela palavra alheia, pelo gesto e pelo canto de uma outra. A partir do Encontro, as experiências se entrelaçam e atravessam cada uma em seu sentir. Para algumas, ilumina um passado ainda visível nas mulheres que pisam o chão das roças e cozinhas do interior. Para outras, nascidas na capital, traz a novidade, o

aprendizado primeiro de muitas das Vivências, mas as surpreende, porque em suas memórias ancestrais habitam quintais, roçados, bonecas de sabugo de milho, remédios de plantas e tantas outras experiências compartilhadas ao longo do projeto que evidenciaram o elo de experiências em comum.

O projeto Semeando Saberes Ancestrais convidou mulheres das comunidades de Curtume (Jenipapo de Minas/MG), Tocoíós (Francisco Badaró/MG), Vai Lavando (Berilo/MG), Serra das Araras (Chapada Gaúcha/MG), e também de Bonfinópolis/MG, Chapada do Norte/MG, Carapicuíba/SP, Diamantina/MG, Jequitibá/MG, Sabará/MG e da capital mineira. Acolheu encontros de bordado, renda renascença, pintura de terra, construção de forno de barro, fiação e tecelagem, ervas medicinais, autocuidado, parto, benzeção, cantoria, confecção de bonecas de pano e a confecção de adereços e figurinos para um grande evento de Natal. Promoveu o Encontro com a Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário Alto dos Pinheiros. Mas, para além de todos os ofícios compartilhados e aprendidos, as Vivências foram uma experiência profunda de reconhecimento, alegria e conexão com o que realmente faz sentido para elas.



TUDO QUE PASSOU AQUI EU JÁ FIZ UM POUCO!

As Meninas de Sinhá, em sua maioria, têm origem rural ou vieram de pequenas cidades do interior. Das várias regiões de Minas, compartilham uma forte lembrança de mães, avós, madrinhas e outras pessoas que as criaram em meio às plantações de milho, criações de animais, cozinhas, casas de farinha e noites de céu estrelado, onde viam as mesmas estrelas com o brilho intenso só avistado aonde a luz das grandes cidades não chega.

O Alto Vera Cruz revela até mesmo a antiga vizinhança entre Lazarina e Cleusa:

Cleusa: “Nasci no Divino do Traíra, município de Tarumirim.”

Lazarina: “Ó, minha vizinha!”

Lazarina: “Eu nasci em Itanhomi, mas praticamente depois mudei pro Córrego do Beija-Flor.”

Cleusa: “Então, eu nasci foi lá, nesse Córrego do Beija-Flor!”

Lazarina: “Eu fico pensando: hoje em dia mandar pegar bosta de boi e passar no chão. Eu tô vendo que ela e eu praticamente tivemos as mesmas lutas. No mato, trabalhar na enxada, colher feijão, catando arroz.”

Lazarina lembra do caminho percorrido até a missa, passando pelo córrego, batendo a poeira dos pés para

então calçar o sapato e entrar na igreja. Ambas lembram das cantorias nos roçados, a bosta de boi passada no chão da casa e o barro branco na parede onde as painéis, brilhando, areadinhas, eram penduradas.

O salão da sede das Meninas de Sinhá reflete o cuidado das casas pintadas de barro e a forma de receber, sempre com um café quentinho passado na hora. Com tantas plantas na entrada e o colorido dos detalhes (o vaso de flores, paninhos, almofadas...), espelham um senso de cuidado e beleza que faz do espaço uma extensão da casa. Na parede, palavras cheias de significado para quem reconhece na união, no amor, na arte, na simplicidade, na emoção, o milagre da vida.

Nesse espaço-casa, teve início o primeiro Encontro coletivo. Viviane Fortes destacou: “Mas não tem nada pronto”, indicando que o caminho se faz ao andar e que cada passo do projeto seria traçado a partir das Meninas e Bordadeiras, do que delas reverbera, de seus desejos e conexões.

As Meninas chegam com suas múltiplas belezas e o jeito próprio de se enfeitar, mesmo usando suas roupas uniformizadas, que as identificam e as “reúnem” como um corpo coeso e orgulhoso por pertencerem ao grupo. Com a alegria da gratidão, as anfitriãs se levantaram para receber suas primeiras convidadas: as Mulheres do Jequitinhonha, fiandeiras, tecelãs, bordadeiras, agricultoras, parteiras, raizeiras, mulheres que reacendem nelas as lembranças da vida na beira dos fogões a lenha, ao som das rodas de fiar, do pilão, das cantigas de ninar, plantar e colher.

“Na Bahia tem, tem, tem, tem.... na Bahia tem coco de vintém!” E em pouco tempo todas cantam juntas, porque a roda é de todas. Cantadeiras, bordadeiras, as Meninas de Sinhá e as Mulheres do Jequitinhonha já são um coro só. Mexe, mexe, mexe... O bolinho mais gostoso é o de fubá...

Geraldo, carinhosamente chamado de Gegê, único homem entre as Meninas, puxa o coro, sempre com muito humor, e propõe logo a brincadeira: “Jerimum é coisa boa, coisa boa de comer / Cê gosta de jerimum, eu deixo o jerimum procê / Tum tum tum, vou comer jerimum com...” E teve angu, torresmo, jiló, bacalhau, carne de sol, mandioca, quiabo, frango caipira, canjica, arroz, canjiquinha, costelinha, chuchu e... mais jerimum!

E, para quem está se conhecendo, nada como uma mesa farta de quitandas saborosas e todos os assuntos que ela inspira. Mesmo nas diferenças entre os biscoitos de aqui e acolá, as quitandas são lugar de memória e afeto, nutrem o corpo e o espírito. As conversas ao redor antecipavam a troca de receitas e olhares e os gostos em comum. Também é na mesa que a cultura alimentar se encontra e puxa o fio que narra o plantar, o cuidar e o beneficiar dos alimentos.

As afinidades com as Mulheres do Jequitinhonha vão encontrando resposta... Comunidades pequenas, distritos que hoje são crescidos municípios, mulheres que chegaram de todas as regiões do estado para viver em Belo Horizonte quando o Alto Vera Cruz ainda “era uma roça”, nos lembrou Sueli. E completou: “Fazíamos roça, comíamos feijão andu!”

As Meninas do Jequitinhonha, Ipatinga, Ouro Preto, Montes Claros, Guanhões, Mutum, Peçanha, Raul Soares, Cordisburgo, Caxambu, da Bahia e do Espírito Santo e de tantos outros lugares trazem muito em comum. Histórias de busca por novas oportunidades de vida, casamentos, filhos, famílias que ficaram ou vieram, trajetórias com muito esforço e sofrimento. Mas também o senso comunitário, a partilha das coisas simples, a solidariedade tão presente e a alteridade. “A gente vai deixar de lado o nosso canto pra cantar o dos outros?”, questionou Dona Mila, tecelã de Tocoíós.

Depois do lanche, hora de cinema. A proposta era exibir dois pequenos documentários: o primeiro, sobre as Meninas de Sinhá, escolhido dentre diversos registros audiovisuais, é o mais recente, feito em 2021. As primeiras imagens trazem a fala emocionada de mulheres que se sentiram resgatadas pela convivência das Meninas, quando a depressão, o alcoolismo, as dificuldades da vida lhes geravam tanta tristeza e solidão. Novamente Dona Valdete é lembrada, como disse Patrícia, como uma mulher inconformada e que sabia buscar o caminho da felicidade. O vídeo é uma reafirmação para muitas. É também acolhimento, lembrança de que tudo está sustentado por uma amizade infinita.

Agora, “eu levo a alegria pra todo mundo”, reafirma Dona Diva, após uma comovente narrativa sobre o abandono na infância e a violência de um pai que lhe negava comida. Tristeza que constitui nela o desejo de felicidade aos demais. Alegria que vive dentro de cada pessoa, esperando ser ativada, como é em cada Menina.

Em seguida, foi exibido o pequeno documentário sobre as Mulheres do Jequitinhonha. Nesse momento não cessavam os burburinhos, comentários que apontavam o que fazia brilharem os olhos: “Serralha!” “Requeijão.... hmmm...” “Que couve bonita!” “Chá pra tosse”. “Olha o jerimum!” A terra, a semente, o forno, a benzeção, na essência de cada Menina a memória da roça, principalmente na infância!

Mas o silêncio pairava quando havia o canto... os improvisos das versadeiras enquanto bordavam, tingiam, colhiam... E, quando um verso lhes era familiar, prontamente cantavam junto: “Eu tava na peneira, eu tava peneirando...” Viva!!!! Viva!!! Muitos aplausos ao final. E, partindo do frescor daquela alegria despertada, foi proposto que cada uma compartilhasse com o grupo o que mais lhe havia tocado, gostado, movido, conectado com a própria história.

Sueli lembrou que, quando junto de sua mãe, preparava a terra trazendo esterco para adubar, porque o Alto Vera Cruz era “puro minério!”. E plantavam couve, andu, cebolinha, mandioca e muitas outras coisas na horta da família. Rosária buscou na infância as lembranças de quando as crianças eram benzidas e expressou o encantamento com as cantigas: “Ao redor do tear, aquelas músicas maravilhosas!” O cantar, as batidas do algodão, a musicalidade no cotidiano das Mulheres do Jequitinhonha trouxeram especial encantamento. O corpo que dança e toca é o corpo que capina, tece, cozinha, estuda, benze e é benzido. Para a Bordadeira de Sinhá Maria Amélia, o que mais lhe chamou a atenção “foi a leveza de corpo, mente e

espírito de cada uma delas. Aqui, nossos netos, filhos têm praticamente tudo e são infelizes. E elas com tão pouco demonstrando felicidade. Foi o mais bonito que achei.”

Mas foi o barro o que mais encheu os olhos, suscitando lembranças da infância no interior. O barro estava no cotidiano, nos fornos e em todas as paredes, barrados e no chão, este coberto com uma mistura de barro e bosta de vaca. “Eu era pequena e ia com minha bisavó buscar o barro pra fazer o barrado da casa. Falava tabatinga”, lembrou Diva. E completou Cleusa: “Gostei mais da parte do barro branco, que a gente tirava barro branco pra passar na parede e passava com bosta de vaca pra passar no chão. Ficava verdinho, e a parede, bem branquinha. O chão bem verdinho com a bosta de boi.”

Seninha contou que se identificou diretamente com a tabatinga e que em sua casa eram usados barros de diversas cores. O amarelo era usado nos barrados e até para fazer flores. O branco coloria paredes e fogão. E, no chão, o barro era misturado às cinzas e ao estrume, “e o chão ficava como um acimentado”. Semelhante ao que era feito na casa de Cleusa: “Ficava verdinho, e a parede, bem branquinha!” Ercília chega a dizer: “Minha casa era igual a um lençol branco! De longe a gente avistava.”

Ephigênia contou que, quando morava em Antônio Dias, lavava as vasilhas e passava o barro na cozinha. “Ficava tudo limpinho, tudo branquinho. E aqueles biscoitos, o ritmo e os biscoitos que minha avó fazia.” Dorvalina mistura memórias de outrora e de ontem mesmo: “Eu gostei muito do barro branco porque minha

casa lá em Mutum era toda passada a barro. Trazida no carro de boi. Era tudo muito bonito, o chão era passado de bosta de boi. Todo mundo que chegava ficava encantado com meu fogão. Era muita planta, eu tinha horta, tinha couve. Eu plantei um pé de chuchu lá em casa que subiu pro telhado, eu panhei seis chuchus lá ontem, inda tem oito chuchuzinhos lá pra crescer.”

Maria José diz que “tudo que passou ali eu já fiz um pouco! Eu me lembro muito do forno, que minha mãe fazia muita broa. O forno e o fogão eram de lenha, minha casa era toda de barro. O barro ainda brilhando, eu tinha um irmão, que vinha e pisava, era briga na certa.”

As memórias despertadas pelas imagens dos documentários se juntavam àquelas narradas por cada uma, fazendo-as visitarem histórias comuns nas áreas rurais de onde vieram. Mas também naquelas que nasceram em Belo Horizonte, como Neyde: “Aqui mesmo onde eu moro, a gente panhava lá embaixo, tinha um barro branco que a gente panhava pra limpar o fogão de lenha.” E também Maria Amélia: “Numa cerâmica no bairro Saudade eu e meus irmãos brincávamos com a argila, fazíamos cavalinho, panelinha, tudo de argila”, acrescentando: “E a benzeção me chamava muito a atenção, e eu tinha dois irmãos que pegavam muito quebrante.”

Os fios vão se entrelaçando, as práticas de fé sendo reveladas e ouvidas com encantamento. Com voz pausada e firme, Pretinha diz: “Era filha de mãe que era parteira, benzedeira e macumbeira, então eu cresci nesse naípe. Aprendendo a cantar ponto de macumba, aprendendo

a bater atabaque e mexia com plantas, a gente tinha plantação de muita coisa. Agrião, alface, quiabo, malvariço, criação de porco, de galinha. Eu capinava muito. Eu quero ir pra roça pra ver se eu ainda sei roçar.”

E ir pra roça, tocar a terra, entrar em uma horta, é uma das grandes nostalgias das Meninas de Sinhá. Seninha disse que toda a vida gostou da roça, e ver as mulheres contando sobre como tiravam a água das cacimbas acendeu a lembrança de sua infância no Baú, em Pedra do Anta: “Eu buscava água, tinha sete pra oito anos. Eu ia do outro lado do córrego, tinha uma mina, aí eu furava pra água filtrar. Enchia as latas, eu não dava conta de pôr na cabeça, a vizinha ajudava, eu levava e chegava em casa, minha mãe tirava a lata. Duas vezes eu joguei as latas fora porque boi correu atrás de mim.”

Miudezas, necessidade de beleza, lembranças de coisas simples que marcaram infâncias, as relações entre mães, avós, bisavós, madrinhas e outras pessoas que as criaram, pelo aprendizado e pela ajuda. Histórias vividas no interior e trazidas com elas para Belo Horizonte. Fonte de essência, de conexão consigo mesmas. Com as falas das Meninas, Dona Mila comentou: “Eu estou vendo que nós lá, no nosso meio lá, a gente se sente pequenininho, entre vocês aqui com todos esses saberes maravilhosos. Com essa animação pra cantar, dançar, chego a me emocionar. Eu tenho certeza que tenho muito a aprender com vocês.”

Por isso, também, semear saberes ancestrais é ação do cotidiano da vida, em que o convívio ensina, nutre e constitui cada uma.

As Vivências, organizadas em dois dias de Encontro, começavam sempre em roda. Os olhos encontrando as companheiras, as mãos se dando, surgindo uma oração ou um canto. Entrelace, conexão. Quando a roda se formava, formava também um estado de presença e uma abertura à escuta. Era hora de conhecer ou reencontrar as convidadas e se abrir para mais um dia de surpresas.









VIVÊNCIAS



**ALGODÃO: A SEMENTE
É A ENERGIA DA MÃE**

“O que esse algodão vai trazer pra gente hoje? O que essas sementes vão trazer pra gente?”, perguntou Viviane. As Mulheres do Jequitinhonha trouxeram o algodão como o primeiro tema do projeto. Com ele vieram Dona Mila, Nêga, Marli, Dona Sena, Andressa, Dona Nilza e Kennedy, das comunidades de Tocoíós e Curtume e da associação Tingui.

“Roda, morena, quero ver você rodar / Ô balanceia, ô balanceia, quero ver balancear!” A roda vai girando em verso e refrão, até completar a volta toda, quando Dona Mila então, com voz serena e forte, começa a contar sobre o algodão, a “cultura mais forte, como o açúcar e a mandioca”. E conta que a semente era tudo para as famílias. Roupas, colchão, pávio de candeeiro, remédio. E até para o gado, para o cuidado com as galinhas.

Diva, que nasceu em Virginópolis, conhecia bem as etapas da fiação e ficou emocionada ao sentir de novo o algodão entre os dedos: “Tocou muito em mim, veio aquela lembrança dos meus antepassados. Eu relembro dos meus bisavós, pois eu não conheci minha mãe mas conheci meus bisavós, eles teciam algodão. Eu ajudava a escolher o algodão e muitas vezes eu até apanhava, porque eu comia aquelas buchas de algodão. Fazia tudo, roupa, vestido... tingia a roupa, quando era com a minha avó, eu era pequenininha, ela ia para a beirada dos brejos e tingia com uns barros a roupa.” Diva lembrou de como a avó fazia fornos na beirada dos barrancos para ali mesmo fazer o processo de tingimento.

De maneira espontânea, as Meninas e Bordadeiras de Sinhá vão lembrando suas memórias com o algodão, que lembra o óleo de mamona, que lembra azeite para

o candeeiro para lubrificar as juntas da roda e do tear, que lembra o pavio torcido no coité, e o fio do algodão entrelaça as narrativas do Vale às lembranças de várias Meninas que também conheciam diversos usos do algodão: Dona Luzia, que já fiou e teceu, Ercília e Seninha que, com seus algodoeiros no quintal, já cuidaram e cuidam das mulheres na comunidade. “A gente era forte e só usava essas coisas”, lembra Dorvalina.

Marli e Nêga vão contando os diversos usos medicamentosos: para tratar ouvido, umbigo do recém-nascido, questões do feminino. Cicatriza, faz repousar dor de menstruação, trata infecções e inflamações. “O algodão é uma erva fria”, explica Marli. Dona Domingas conta que a mãe preparava um banho de assento contra coceiras e mau cheiro. Dona Diva também lembrou dos banhos para os cuidados ginecológicos. Dona Nilza contou que certa vez, na manicure do bairro, observou que esta utilizava o algodão natural e fazia uso do óleo da semente do algodoeiro para tratar micoses ou acudir algum pequeno ferimento no cantinho da unha. Alguém acrescentou que também conhecia o uso do algodão para tratar da saúde bucal, utilizando o chá para bochechar. Dona Mila lembrou que até a sacolinha para as compras era feita de algodão. E com senso de responsabilidade e ecologia disse que hoje “as sacolinhas de plástico estão nos rios...” Nêga lembrou que do algodoeiro também “fica lindo fazer arranjos de flor”.

As sementes de algodão trazidas de Tocoíós e Curtume mostram a diversidade de variedades cultivadas nas comunidades, como o pardo, o branco e o verde.



De Tocoíós veio ainda um descaroçador utilizado pelas tecelãs, e Mariinha lembrou que em sua terra não se usava maquinário e o algodão trazia ainda outras características: “Lá falava escapuxar o algodão – era tirar o algodão do caroço –, porque lá o caroço era soltinho, não é esse algodão que elas têm com os carocinhos misturados.”

Algumas Meninas lançaram-se na tarefa de descaroçar. Seninha, Diva, Geralda, Niuza, Dorvalina, Sueli, Domingas, Cida e Dona Luzia, que rememorou os tempos em que descaroçava o algodão, enquanto Marli puxava o canto, mostrando também como o cantar habitava o cotidiano e todos os ofícios do ciclo do algodão.

“Vocês das Meninas de Sinhá é que trouxeram essa semente pra gente”, disse Dona Mila. Sementes de alegria, de onde brotam os sentidos do fazer. Marli reflete: “A semente é a energia da mãe. O algodão é fêmea! E começar o projeto com essa energia, que nos nutre, nos cuida, é o maior significado dessa forma de começar.”

Marli tem razão. A escolha do algodão como tema deste primeiro Encontro entre o Vale e o Alto Vera Cruz não se deu por acaso. Quando Viviane visitou as casas das Meninas, no início do projeto, viu ali o primeiro pezinho de algodão, no quintal de Seninha. Um pé cheio de histórias, inabalável. Depois, vieram outros quintais com algodoeiros, e Viviane percebeu que a memória dos cuidados estava plantada naqueles pés. Saberes transmitidos de geração em geração que ligavam aquelas mulheres e agora às tecelãs, fiandeiras e bordadeiras do Vale.

Sobre seus algodoeiros, Seninha conta: “Além de tudo, além da vantagem do produto do algodão, tem os

valores curativos. Então, aqui eu tenho o pé de algodão, faço questão de sempre ter, porque a vizinhança toda vem pedir pra banhar, pra pingar aquele óleo da bananinha, por causa de dor de ouvido, que cura realmente. E fazer o banho. As meninas ganham neném, querem fazer o banho. Então eu sempre tenho. Amarro num lugar, planto em outro, às vezes vai nascendo por aí, eu vou deixando, porque sempre tem alguém procurando.”

Pá pá pá. Os sons da batida do algodão já reverberavam e foram se misturando à cantoria. Dona Mila explicou que é preciso bater sem arrastar, que é necessário controle na forma com que se bate e que, em condição ideal, é melhor que a mesma pessoa faça todo o serviço, para o algodão não passar por mais de uma mão nessa hora. Mas os sons, a música que brotava das batidas contagiaram as Meninas. Marli improvisava versos... “É, jacaré, a lagoa secou, secou, secou...” Mariinha saltava junto das flechas, batendo o algodão, e no ritmo do batuque soava o canto do congado. “Nossa Senhora, sua casa cheira, cheira cravo e rosa, flor de laranjeira.”

O entusiasmo foi tanto que Mariinha pediu a Viviane que trouxesse um fuso para ela, e Seninha lhe deu algodão para que ela pudesse fiar. Algumas lembram do fuso, outras, da roda. Os pés recordam o movimento: “Como é mesmo?”, pergunta Sueli. “Pra frente! Pra frente!”, respondem várias. As Meninas experimentam, tentam, o fio é de muitas mãos. Cai o pé da roda, solta tudo. “A roda quando acostuma com uma dona, ela às vezes não deixa outra pessoa pegar nela”, comentou baixinho Dona Sena.





Nesse momento já estava pronto o tear, e Dona Mila e Dona Sena mostraram como se faz a etapa da tecelagem. Explicaram que ali era um tear miudinho, usado para aulas e testes. Seninha fez questão de experimentar. E a cantoria não parava, como acontece em Tocoíós. Bater e cantar, descarregar e cantar, fiar, tingir, tecer. E cantar. A essa altura tudo se confundia, porque já havia muita conversa, um pouco de cansaço também. Mas ainda havia tempo para que as Mulheres do Jequitinhonha contassem um pouco sobre o tingimento dos fios. “A casca da manga espada é melhor”, explicou Nêga. E acrescentou que as fases da lua, a época do ano e o lugar – pelo tipo de solo – definem a tonalidade.

Muitos saberes, a memória inscrita na experiência da vida de cada uma, as lembranças e novos aprendizados e o olhar cheio de brilho pelo dia que passaram juntas.

“Eu acho muito importante a vivência do algodão. O fiar, o bater, todo o processo, eu acho muito legal. E fora as músicas que surgem dali da colheita, do cultivo e do preparo do algodão, que vai surgindo músicas e convivência, né? O relacionamento ali, interagir com as senhoras, além da ocupação do produto, surgiu o sustento de cada família. Então o algodão é uma fonte muito rica em tudo isso. Começa ali da sementinha e vai pro fruto e as utilidades curativas e produtivas. Além de você fazer, é muito bonito você começar ali, tem a plantinha, depois ela cresce, você colhe e, no final, você tem um vestido, tem uma blusa. Saber que aquilo ali você trouxe da natureza é uma coisa muito importante. É muito gratificante!”

Cada semente traz em si o segredo da planta, das flores e dos frutos. Será que a semente do algodão traz consigo os segredos dos fios e das tramas do tecido? O certo é que quem se deita em uma rede de algodão revira lembranças de sua terra de origem e tece sonhos. Para as Meninas de Sinhá o algodão é um fio que as liga às longínquas origens. Para as Mulheres do Jequitinhonha o algodão é o tecido de suas vidas. O Alto Vera Cruz é agora o tear que entrelaça a vida dessas mulheres, pelos fios de histórias, saberes, cantigas e alegrias.







TERRA: TESTEMUNHA DA VIDA

A terra, em sua generosidade, acolhe as semente do algodão, do milho, do feijão... E, como com o algodão, o uso do barro está no saber dos povos e comunidades tradicionais, constituído na relação com a natureza, na disponibilidade de matéria-prima, como fazem também os pássaros, insetos, roedores e tantos seres que usam o barro para abrigar-se. Do barro fazem a casa, suas paredes e telhas, os fornos e fogões, além de utensílios como o diversificado mundo das panelas.

Muitas Mulheres do Alto Vera Cruz trazem de suas origens uma forte relação com a terra e encontraram também ali, no Alto Vera Cruz, a continuidade de muitas tradições. Como Dorvalina, que saiu de Mutum e chegou no bairro há 50 anos para morar no barracão feito de adobe. Sueli, nascida em Belo Horizonte, conta que “o Alto Vera Cruz era assim. A gente saía no mato, trazia de lá a terra, mamãe preparava e a gente pintava a casa, pintava dentro de casa, pintava as paredes...” E ainda: “Aí tem uma coisa interessante que eu gosto muito de falar: a gente era mocinha, começava a namorar já, aí mamãe falava pro Natal: “Vamos buscar barro e pintar a casa”. Pintava a casa, achava tinta colorida, pintava de tinta colorida também, mas não podia encostar na parede. Aí ela falava: “Ó, não encosta! Papai não deixa ninguém encostar, se não vai sair e sujar a roupa de vocês.” Aí chegava o namorado – a gente não falava nada – aí tá namorando e encostava na parede, a gente olhava uma para a outra, e eles lá com a cabeça na parede, mas a gente ficava com vergonha de falar. Aí quando eles saíam, saíam com uma coroa de tinta na cabeça, a gente ria demais! Mas a gente não sabia como fixar.

A história de mulheres como Dorvalina e Sueli, e o olhar para a terra do Alto Vera Cruz e os saberes de sua gente inspiraram o encontro entre as Meninas e Bordadeiras de Sinhá e outras mulheres sábias que transformam o barro e são transformadas por ele.

Marli, Nêga e Carmem vieram da Comunidade Quilombola Curtume, e Aremita veio de Diamantina. Todas vieram para compartilhar suas formas de usar a terra na pintura de paredes e tecido.

Aremita, que aprendeu a técnica de pintura de terra com o uso de grude/cola, mostrou às Meninas e Bordadeiras de Sinhá como preparar a tinta utilizando cola branca na mistura que, junto às características da terra (porque é preciso que seja argilosa), permite sua plena fixação.

O novo salão da sede das Meninas de Sinhá recebeu tinta de terra em suas paredes internas e externas. Sueli e Dorvalina, além de outras Meninas de Sinhá, dedicaram-se à pintura nos dois dias de muito trabalho. E, dessa vez, a tinta não sai!

Para reunir o material necessário, Geraldo, Cida Alcides, Geovana, Aremita, Marli e Nêga foram buscar, no Alto Vera Cruz, a terra que seria usada. Encontraram barros de muitas colorações, já bastante usados nas pinturas e construção das casas do bairro e que, junto de diversas cores de terra trazidas pelas Mulheres do Jequitinhonha, formaram uma lindíssima cartela.

A cor escolhida para o salão, em tom de amarelo-claro, veio do Alto Vera Cruz, assim como o marrom-escuro da área externa. Natividade brilha os olhos com o



novo aprendizado: “Eu tinha vontade que isso renovasse, pra gente pegar ao menos um – tipo a tinta – pois às vezes a casa da gente está feia, não era melhor se a gente soubesse fazer direitinho?” Mesmo com desejo de pintar as casas com as cores encontradas no bairro, as Meninas reconhecem que é uma tarefa trabalhosa, para ser feita em coletivo. Tradição conhecida por todas e que povoa a infância dos cheiros de biscoitos e bolos quentinhos, em que os fornos de barro lembram o tempo no qual o preparo das quitandas levava tempo e um cuidado a mais: a construção de um bom forno, com o barro colhido em lua adequada, bem misturado, a queima da lenha, o tempo certo: saberes que atravessam gerações e que foram lembrados por Marli e Nêga, que orientaram a construção de um forno de barro no espaço aberto da sede das Meninas de Sinhá.

Feito a muitas mãos e pés, o trabalho atravessou diversos fins de semana de Encontros e muita cantoria, enquanto os pés amassavam e o barro ganhava forma sobre as estruturas de madeira, até que a primeira fornalha assou o bolo de milho enrolado na folha de bananeira feito por Marli. O forno acendeu as brasas e os corações em dias de muita alegria.

Mesmo tendo exigido maior esforço físico, tanto na pintura das paredes quanto para fazer o forno, o barro foi uma experiência marcante para as Meninas e Bordadeiras de Sinhá, que trouxe à tona seu valor não apenas para a memória dos saberes, mas que ainda pode ser muito positivo no presente, como lembra Sueli: “Estou querendo fazer, porque é uma coisa que eu via

meus pais fazerem biscoito, bolo, broas nesse forno, e é uma coisa maravilhosa.”

A surpresa de encontrar tão perto de casa as tantas tonalidades de terra permaneceu nos potinhos em exposição, sempre admirados, a lembrar da alegria de cada gesto: ir buscar o barro nas ribanceiras e barrancos da comunidade, pisar, pisar, pisar, preparar as tintas, subir o forno e emassar, pintar as paredes e tecidos, ver o fogo subir e então sentir o cheiro do bolo, bordar o tecido, admirar as paredes prontas, e mais: ir até as infâncias entre roças, cozinhas, rios e barrancos de barro colorido.

Se as tradições do forno e da pintura com tinta de terra foram temas de Encontros tão marcantes, suas cores também ganharam vida em peças de tecido pintados com a terra, como se faz na comunidade do Curtume. Lá, e agora aqui, os tecidos pintados nos tons terrosos pelas Bordadeiras de Sinhá foram preparados para receber as linhas do bordado em ponto cheio com o auxílio precioso de Carmem, bordadeira da Comunidade Quilombola Curtume.











O BARRO NO PANO,
NO TECIDO,
E A GENTE BORDAVA:
O ENCONTRO COM
AS BORDADEIRAS
DO CURTUME

O encantamento pelo bordado costuma nascer do “feito”, do bordado acontecido. Depois, vem a magia das linhas e agulhas, do elaborado ofício que é bordar e da descoberta do prazer. Conhecer um bordado pelo que expressa, a história que está atada às suas linhas e às mãos que conduzem a agulha pode ser ainda mais arrebatador. E foi assim que a arte das Bordadeiras do Curtume encheu os olhos das Bordadeiras de Sinhá, que visitaram a exposição em Belo Horizonte, intitulada *Bordados da Terra e do Céu*, realizada na galeria do BDMG Cultural. Feitos em tecidos pintados com terra, os bordados em ponto cheio desenvolvidos no Curtume expressam o cotidiano, a fé e os sentidos de beleza das mulheres artesãs, agricultoras, parteiras e benzedadeiras, que cuidam da família e percebem a natureza ao redor como parte da própria vida. Bordados que dizem quem elas são.

Carmem é uma dessas bordadeiras. Serena, sábia, doce, gosta de ensinar e é uma das principais lideranças do grupo de bordadeiras. Familiarizada com todas as etapas, do riscado ao acabamento das peças produzidas no Curtume, ela começou compartilhando com as Mulheres do Alto Vera Cruz o bordado em ponto cheio e meada, tal como é feito pelo grupo de artesãs do Jequitinhonha, que partem de muitas conversas e olhares, e toma forma nos desenhos de Diogo, filho de Carmem que participa como desenhista nas coleções de estandartes bordados e comercializados por elas.

Carmem também trouxe para as Bordadeiras de Sinhá a experiência da pintura de terra do tecido, e as Bordadeiras se debruçam sobre as tantas terras trazidas

do Vale e do Alto Vera Cruz, formando uma cartela de muitas cores. Experimenta daqui e dali e, pouco a pouco, as mulheres vão escolhendo e pintando seus tecidos. O varal se enche de quadradinhos de panos em tons de amarelos, marrons, avermelhados e até lilás. A ideia é deixar secando enquanto as agulhas se familiarizam com o ponto e o uso da meada.

Os bordados convidam às conversas ao pé do ouvido, às trocas na delicadeza das mãos que se ajudam, à concentração e ao trabalho minucioso que aos poucos revela uma saia, um bracinho ou cabelo, as personagens bordadas em ponto cheio e meada. Entre silêncios, conversas e cantigas, o rosto de Carmem se ilumina sobre os desenhos habilidosamente riscados.

O projeto Semeando Saberes Ancestrais convidou a artista Anna Cunha para criar desenhos inspirados nas Mulheres do Alto Vera Cruz. Seus desenhos comunicam o projeto com delicadeza e sensibilidade e também alcançaram os bordados neste Encontro.

Foi então hora de reunir os desenhos de Anna ao tecido tingido de terra, num belo resultado de cores, com o movimento das meninas bordadas brincando em roda, um “bordado bonito mesmo, que eu gostei de bordar. Era num paninho quadradinho, marronzinho”, comentou Sandrinha. O trabalho do bordado em ponto cheio promoveu diversos encontros entre Carmem e as Bordadeiras de Sinhá. E, mesmo sentindo dificuldade em bordar no tecido, Mariinha reconhece: “Essas Meninas que vieram aqui, gostei muito do bordado, que elas tingiu aquele tecido, então aquilo pra gente fazer aquele bordado era difícil, mas eu fiz,

entendeu? Achei diferente, porque elas passavam o barro no pano, no tecido, e a gente bordava.”

O tecido, mais rígido do que o pano sem a tinta e, em alguns casos, quebradiço, tinha porém uma característica importante, lembrada por Maria Amélia: “Segundo as Meninas, é porque a água daqui tem cloro. Lá elas misturam a cola e a terra na água pura, sem cloro, de poço artesiano.”









ORA VIVA E REVIVA.
ORA VIVA E REVIVA.
VIVA SÃO GONÇALO, VIVA!
VIVA SÃO GONÇALO, VIVA!



**VIVA SÃO GONÇALO:
UM ENCONTRO COM
AS BORDADEIRAS DO
GRANDE SERTÃO: VEREDAS**

Os bordados já estavam presentes entre as Meninas do Alto Vera Cruz. Muitas mulheres já bordavam ou faziam crochê e tricô. Além disso, o grupo das Bordadeiras de Sinhá se constituiu antes do projeto e se encontra periodicamente para as aulas e práticas de bordado. Essa foi também uma das razões para que o intercâmbio com as Bordadeiras do Curtume ocorresse.

E, se no Curtume as Bordadeiras encontraram seu caminho artístico, outros grupos de artesãs dedicam-se ao bordado fazendo uso de diversos pontos, criando seus próprios desenhos, desenvolvendo técnicas e utilizando os mais diversos materiais, como tipos de linhas e tecidos, o tingimento natural, dentre outros.

Rose veio de Serra das Araras, distrito de Chapada Gaúcha. Tereza, de Bonfinópolis, municípios situados à margem esquerda do São Francisco, na bacia do rio Urucuia, região do Grande Sertão: Veredas. Chegaram com alegria, doçura e muita generosidade para compartilhar com as Bordadeiras de Sinhá a experiência com as linhas e agulhas do Noroeste de Minas, onde existem muitas mulheres que fiam, tecem e bordam, inspiradas em pássaros, árvores do cerrado, como o ipê e o buriti, pelas veredas, paisagens e ofícios da região, território que inspirou a grande travessia de Guimarães Rosa. Os bordados, que misturam diversos pontos, tanto a partir de riscados quanto à mão livre, trazem ainda a força da festa de São Gonçalo, com suas dançantes e arcos enfeitados.



PEQUIS

WINTER



"Padroeiro dos violeiros e Santo casamenteiro, São Gonçalo do Amarante / não é como os outros Santos / os outros Santos querem reza / São Gonçalo quer que cante." E foi justamente o canto que encheu os olhos das convidadas e embalou a roda do bordado. Afinal, o Encontro foi inspirado na Menina de Sinhá Ephigênia, que conheceu a tradição das festas de São Gonçalo com sua avó, de Januária. Ephigênia, inspirada nessa memória, compôs uma cantiga de São Gonçalo! E por todo o dia, entre muitas risadas e conversas, a cantoria soou no salão, puxada pela presença de Rosária, Seninha, Niuza e Mariinha... Rose também compartilhou os versos cantados a São Gonçalo e ainda trouxe de lá uma imagem que ficou ali, a espiar tantas brincadeiras com seu nome. Afinal, a especialidade do Santo é casar as mulheres mais velhas: "Elas trouxeram (o tecido riscado) pra gente fazer o bordado, aí trouxe o santo que chama São Gonçalo! Cê não lembra que chegou ali seu marido e eu falei assim: 'oh, lá, São Gonçalo já mandou um pra nós', e era seu marido!", lembra Mariinha com muito humor quando chegou no salão, justo naquela hora, um rapaz – que já era casado, mas alimentou a brincadeira e levou todas nós às gargalhadas.

O bordado, ah, o bordado... Não houve quem não se encantasse pelos pássaros e pelas árvores, mas a Dança de São Gonçalo, de quem Rose é devota, inspirou o dia e a cantoria. Os pontos, cada uma tem aqueles de preferência, os que dominam mais, os que se dedicam a aprender ou ensinar. Já conhecidos,

os pontos se misturavam nas escolhas de cada uma: palestrina, rococó, ponto atrás, alinhavo, nó francês, picuru, pé de galinha, cadeado, caseado, cestaria, cheio, folha, rosa, ostra, margarida...

O bordar desenvolvido junto de Rose e Tereza atravessou diversas Vivências, e as linhas dos bordados, dando voltas miúdas nas agulhas, foram se tornando um fio sem fim de afetos, confidências, lembranças e muita troca de saberes.











FAÇO RENDA, SOU RENDEIRA: ENCONTRO COM AS RENDEIRAS DA ALDEIA

Agulhas que entrelaçaram ainda mais mulheres. Vindas de Carapicuíba, São Paulo, as Rendeiras da Aldeia surpreenderam a todas com a arte da renda renascença: “Nos dias que elas estavam aqui me deu vontade de ir embora com elas, pra continuar fazendo, porque era muito bonito. Lindo!”, disse Cleusa. Natividade lembrou que, na oportunidade da vinda das Rendeiras a Belo Horizonte, as Bordadeiras de Sinhá puderam ir ver a exposição *Rendendo Histórias* no Palácio das Artes: “A gente não conseguiu executá-las, mas nós fomos no Museu, que ele mostrou elas prontas. Cada coisa mais linda! Lá no Palácio das Artes.”

A dificuldade em concluir uma pecinha que fosse em renda renascença foi comentada por todas. Mas Lazarina acrescentou: “Gostamos porque elas ensinam muito bem!” Lucia, Márcia, Fátima, Wilma, Dalva, Núbia, Zezé e Aliane foram recebidas com muito amor pelas Bordadeiras e Meninas de Sinhá, ao mesmo tempo que os olhos das Rendeiras eram puro brilho, comemorando o Encontro.

A renda era mesmo uma novidade para os olhos de todas e exigiu muita atenção e paciência. O Encontro com as Rendeiras da Aldeia, no entanto, trouxe ainda mais encantamento! Como as Meninas do Alto Vera Cruz, as Rendeiras vivem a experiência do coletivo em beleza e alegria.

O grupo de Carapicuíba teve seu início quando Lucilene Silva reuniu Mulheres da Aldeia Jesuítica de Carapicuíba, através da Oca Escola Cultural, para juntas partilharem de saberes e cuidados e serem alfabetizadas. Se as Meninas e Bordadeiras de Sinhá têm suas raízes

em diversas comunidades e municípios mineiros, as Mulheres da Aldeia chegaram de diversos estados do Brasil. Migrantes, encontraram na renda renascença, pelas mãos da pernambucana Wilma Silva, um ofício apaixonante que hoje é fonte de renda do grupo, lhes dá prazer e as mantém em conexão com suas origens e essência.

Além de rendar, elas compartilham uma profunda amizade e, como na sede das Meninas de Sinhá, cantam, cantam muito, revivendo a tradição do cantar no roçado, no pilão, nas batatas de milho e feijão, à beira dos rios e nos tantos ofícios em mutirão, mas também no espaço da casa, no ninar de uma criança ou em oração. O canto como companhia, lembrança, prazer e gratidão! Assim como as Meninas de Sinhá, as Rendeiras da Aldeia já possuem até um CD.

Junto das Bordadeiras e Meninas de Sinhá, as Rendeiras da Aldeia de Carapicuíba jogaram versos e aprenderam cantigas de cá. E, se as Bordadeiras já conheciam o lindo trabalho das Meninas da Oca, as Rendeiras também vieram conhecer as cantadeiras que já ouviam de longe, porque o canto das Meninas de Sinhá já era conhecido por lá, depois que Lúcia encontrou um vídeo na internet, e desde então o repertório do Alto Vera Cruz nunca mais parou de soar, inclusive cantado por elas: “Minha Sabiá, minha Zabelê, eu dormia e acordava ouvindo esse vídeo! Vocês não têm ideia, o trabalho de vocês... vocês são maravilhosas e inspiram muita gente! O que eu tenho pra dizer pra vocês é que nunca deixem de cantar, nem de acreditar no que vocês fazem!”





Lúcia tem razão: as Meninas de Sinhá, Bordadeiras de Sinhá e Rendeiras da Aldeia nasceram pelas mãos de mulheres fortes e sonhadoras que transformaram pessoas e mundos ao redor. Voaram e se estabeleceram transformando vidas porque nunca deixaram de acreditar no que fazem.







**O NATURAL DELAS,
ISSO É QUE É BONITO!**

E, se o canto das Meninas de Sinhá já era uma referência para as Rendeiras, as Cantadeiras do Souza são inspiração para o cantar no Alto Vera Cruz. Trata-se do grupo de mulheres de Jequitibá/MG que, nos versos e melodias que aprenderam com mães e avós, são mestras no ofício de cantar. São elas que realizam todo ano a tradição das Pastorinhas e cantam em festejos e encontros na região, e são reconhecidas pela rara beleza na harmonização das vozes.

Nascido no núcleo familiar dos Souza, o grupo espelha uma forte característica de sua região: onde as vozes se entrelaçam em uma harmonização naturalmente elaborada, fazendo soar o coro com muitas vozes paralelas e impressionando pesquisadores e músicos que vêm de longe para ouvi-las e registrar seu canto.

O ofício de cantar é um dos grandes saberes das Mulheres do Souza, que, como as Meninas de Sinhá, também sabem bordar, tricotar, cozinhar e cuidar de seus roçados. O canto sempre esteve presente em sua cultura e ao longo do ano são elas, as Cantadeiras do Souza, que sustentaram a devoção nas encomendações de alma, incelenças de chuva, benditos, novenas e procissões. São elas que também realizam o Auto das Pastorinhas no período natalino. Mas também cantam cantigas de roda, de lavadeiras, de capina e de outros ofícios da região, além de jogar versos de improviso.

Raimunda, Dejanira, Elisabeth, Marly, Sônia e Adriano contaram sobre a história do cantar em família e de como se estruturaram como grupo, pelo incentivo de um pesquisador.

Primeira, segunda, terceira (também chamada “voz torta”), “o natural delas, isso é que é bonito!”, observou sabiamente Rosária, percebendo que a complexidade das vozes não é fruto de uma aula formal de canto, mas pertence às gerações que sustentam esses saberes ancestrais e os transmitem na natureza do convívio, da escuta, do fazer.

O dia de Encontro foi repleto de cantigas, quando os grupos apresentaram a si mesmos e a todos que tiveram a alegria de estar ali ouvindo as Cantadeiras do Souza e as Meninas de Sinhá. Bordadeiras também participaram, e em determinado momento as vozes se misturaram e todas dançavam e jogavam versos de improviso.

Mas houve um canto que tocou especialmente o coração de muitas Meninas. “E aquelas cantoras, as Pastorinhas, até chorei, porque eu já fui Pastorinha lá na minha terra. Quando vi elas cantando eu chorei, fiquei emocionada de ver elas cantar, também foi bonito”, contou Mariinha. E completou: “Foi uma emoção por causa das Pastorinhas, quando eu lembrei daqueles pandeirinhos e elas cantando ali, eu lembrei de nós, eu ainda era pequena, mas recordei muito bem. Há um tempo atrás – Patis está muito bonita, mas agora é outra cidade – tinham aquelas Pastorinhas muito chiques, com chapéu, outras de boina e nós não, coitadas. Era só o pandeirinho e aquelas roupas, né? Era bonito. As meninas falavam assim: “Canta aí a Borboleta, a Coboclinha”, e eu cantava para elas aqui: “Sou cabocla, caboclinha, lá das matas de Belém / Quando eu pego na minha flecha, eu flecho flecho muito bem / Lá das

matas donde eu venho, venho com grande cuidado / Adorar o Deus Menino, Cordeirinho imaculado.”

Maria Pedra também lembrou com alegria dos irmãos, pois sua família mantinha a tradição de Reis e os três irmãos representavam os três Reis Magos no período natalino, época em que também saíam as Pastorinhas.

Diva lembrou que, apesar de também participar de um grupo de Pastorinhas, foi discriminada por sua cor: “A minha música é assim, eu que entrava cantando: “Pastorinhas do deserto, corram todas venham ver, a pobreza da lapinha onde Cristo quis nascer.” Eu lembro que um menino me empurrou e falou: “Não tem pastora preta.” Mas Diva faz questão de lembrar que sonhava em ser artista, e “hoje eu sou uma artista. Inclusive, minha irmã de criação fala assim: ‘Diva, você conseguiu, você é uma artista, você continua sendo o que você queria’.”











**NO TEMPO DA MINHA MÃE,
EU VIA ELA BENZER**

Ser “o que você queria”, a liberdade desejada por Diva, encontra eco na história de muitas mulheres, principalmente negras como ela.

Isabel Casimira Gasparino é Rainha do Congo da Guarda de Moçambique e Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário e do Estado Maior de Minas Gerais. Conhecida também como Belinha, Isabel é um fio que nos liga a uma África latente, inventiva, espiritual e de muitos saberes. Ela reconhece que perpetuar o legado de seu Reinado também representa um lugar de força que demanda responsabilidade, mas exerce o cargo com muita alegria, firmeza e beleza, valores que percebe fundamentais perante as dificuldades.

Irmanada a ela está Dona Geni Carvalho, benzedeira e Rainha do Congado de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte. Irmã de Isabel na fé em Nossa Senhora do Rosário, Dona Geni também trouxe sua história de vida para compartilhar com as Mulheres do Alto Vera Cruz.

Junto às Rainhas estava a parteira Dona Cota, que também veio de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha, partilhar seus saberes. Dona Cota também é benzedeira e mostrou como seu amor alcança tantas mulheres e crianças na missão de trazê-las ao mundo. E que, para que a mãe seja cuidada, respeitada, é preciso sabedoria, entrega e muita fé.

O Encontro teve início com a presença de Dona Geni. Com o sentimento de confiança entre as Mulheres do Alto Vera Cruz, Geni compartilhou uma forte narrativa de sua história de vida. As imensas dificuldades pelas quais

passou tocaram o coração de todas, movendo memórias pessoais de muitas mulheres que superaram violências físicas e emocionais de pais e maridos, e também um sentido coletivo de compreensão e acolhimento. Uma narrativa que revela também como Dona Geni encontrou forças em Nossa Senhora do Rosário, que se tornou sua guia e motivação cotidiana. A fé no Rosário a fez superar os obstáculos e sustentar, desde então, uma devoção que a fortalece e fortalece o povo reinadeiro. Dona Geni é espelho do amor de Nossa Senhora do Rosário, oferecido por ela em cada benzeção, cada escuta e a cada ano com a renovação do congado.

Como Rainha do Congo da Guarda de Moçambique e Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário e do Estado Maior de Minas, Belinha sustenta a coroa herdada de sua mãe, Isabel Casimira, e de sua avó, Maria Casimira, que fundou a Guarda 13 de Maio em 1944. Uma coroa que nasce em Belo Horizonte, na devoção ao Rosário, e mantém em seus fundamentos a memória ancestral do povo negro.

Belinha não caminha sem a consciência de sua responsabilidade e pisa o terreiro das Meninas de Sinhá com canto-reza, firmando sua fé e seu agradecimento pelo encontro com mulheres de tanta grandeza. Sua narrativa, que perpassa a história do Reinado e os espaços de sutileza e intimidade, a relação com as ervas, benzeções, a experiência de fé e o compromisso assumido, expressou como a herança de sua família encontrou nela um caminho tão próprio, sustentado com orgulho e alegria.

A roda que se formou, em escuta, amor e devoção, se abriu para a narrativa de cada mulher e a

memória ancestral de muitas mulheres. Abriu espaços nas almas e nos corações para receber as bênçãos e os ensinamentos de todas.

Ensinamentos que trouxeram para Mercês um tesouro guardado desde a infância: “No tempo da minha mãe – a falecida minha mãe – eu via ela benzer. Chegavam aquelas donas, às vezes com crianças lá pra ela benzer, e eu chegava do serviço e ficava assim, querendo escutar o que ela benzia. Tem as rezas que ela falava e eu queria escutar o que é e aprender. Mas aí a gente estava nova, então não aprendi nada, a reza não. Bom, aí quando essas Meninas vieram aí, eu cheguei perto de uma delas e perguntei como a gente faz, porque eu tenho uma vontade de aprender a benzer destroncado. Destroncado você sabe o que é? É quando a gente ou cai ou machuca, ou torce o pé. Eu queria muito aprender isso, porque via a minha mãe rezando, quando ela acabava de benzer, e eu ficava curiosa. Aí eu aproveitei o dia que elas estavam aqui. Cheguei perto dela, com um pedaço de papel que tirei da bolsa e pedi se ela podia me explicar como a gente fazia depois que a gente benzia. Porque eu sei que, para benzer, minha mãe fazia igualzinho esse papel está aqui. Fazia um rolo de pano com uma agulha, com aquela agulha punha em cima da mão onde estava machucado. O que eu coso? Carne quebrada, nervo rendido e juntado. Era assim, sabe? Então, ela me explicou e eu fui escrevendo e falei: e depois que a gente acaba de benzer? Quais palavras minha mãe falava? Aí ela falou: ‘Só rezar. Reza o Pai-Nosso e o Salve Rainha.’ Aí eu fiquei toda alegre, né? Falei: ‘Ah, agora se Deus quiser...’ E aí o

sobrinho do meu genro machucou jogando bola. Aí minha menina falou: ‘Vai lá para minha mãe benzer.’ E o menino foi. O menino estava com tanta fé – porque tem que ter fé pra esses trem – e eu benzi o menino. Aí ele melhorou, sarou, sabe? Ele ficou todo alegre comigo: ‘Ô vó, meu pé sarou, vó!’”

O feito também é orgulho de Seninha pelo pai benzedor. “Assim, é uma coisa que deixa a gente orgulhoso e agradecido a Deus de ter dado esse poder às pessoas. De poder fazer essa bondade com os outros. Compartilhar isso. Quando a gente vê as benzedadeiras, a gente resgata lá também as nossas histórias das benzeções quando a gente era pequeno.”

A afinidade das Rainhas Belinha e Geni com algumas Meninas atravessa a ancestralidade que se expressa na cor da pele e em práticas de fé, em histórias de vida que se cruzam, nos saberes em comum e no interesse mútuo pela vida de cada uma. Um encontro de comunhão, onde também está Dona Cota. Mulher negra de Chapada do Norte, um dos municípios com o maior número de quilombolas de Minas Gerais. Na latinha em que guarda a tesoura com que corta o cordão umbilical está também seu terço. Dona Cota reconhece a força divina que auxilia suas mãos no ofício de parteira que aprendeu com sua mãe.

Tendo Niuza e Geraldo, do grupo Meninas de Sinhá, interagindo com alegria e descontração, Dona Cota montou uma encenação, e mostrou, de forma lúdica, como se dá a atuação da parteira, envolvendo a família no trabalho de parto, os cuidados com a mãe e o bebê nas

tradições de sua região. Foram muitos os relatos de partos feitos em casa, sob a atenção de parteiras e a presença de maridos e mães, como declara Mariinha: “Aquelela parteira também deixou muita recordação, porque meus filhos todos foram ganhados com parteira. Então quando vi aquela parteira fazendo aquele trabalho com a Niuza me veio tudo, porque aquilo foi uma coisa muito bonita. Ver a Niuza ali pra ganhar o neném, quer dizer, ela pôs um boneco pra dizer que era um menino que estava nascendo. Mas foi muito bom isso, foi ótimo.”

A mãe de Natividade era benzedeira e parteira. Mas Natividade nunca escondeu seu estranhamento e revelou que, mesmo a mãe sempre a chamando para acompanhar, ela nunca quis ver de perto um parto acontecer: “Essas coisas dão uma agonia na gente, mas eu fiquei feliz de saber como é um parto.” Aos 65 anos Natividade assistiu ao registro em vídeo de seu nono neto. E se divertiu com a encenação dos amigos. Cleusa completa: “Essas Vivências que a gente teve, mesmo o parto da Niuza, foi muito bom, foi bonito, quase uma realidade, mas foi muito bonito. Apesar de que eu nunca tive filho em casa, os meus todos foram no hospital, mas foi muito bom a gente viver isso.”

Para Sueli, “o parto foi quase que um parto humanizado, né? Eu participei de muitos partos, porque sou enfermeira, quando completei 18 anos me formei em Enfermagem, naquela época a gente podia formar. Aí eu fui trabalhar numa maternidade. No curso de Enfermagem a gente não vê um bebê nascendo, né? Aí eu fui direto, o primeiro que nasceu eu desmaiei na sala. Eu estava lá



assim, esperando para cuidar, dando para os médicos o que eles precisavam, a hora que eu vi ele saindo eu pensei: meu Deus, o que é aquilo? A hora que eu vi ele saindo foi ‘vup’ e eu ‘vup’ no chão também. Aí eles não sabiam se atendiam a mulher ou se me atendiam, foi um susto muito grande. Eu era jovem, era uma mocinha, não tinha nem namorado direito ainda. Eu tinha ideia, mas nunca tinha visto, então achei muito interessante os partos, que eram feitos em casa. A minha mãe quando nasceu, também nasceu em casa. Assim eu achei interessante isso do parto humanizado, foi bacana, as brincadeiras são muito boas.”

Dona Cota mostrou também as práticas de cuidado no pós-parto, quando depois de manter o bebê aquecido cuida da mãe com todo carinho, acalmando-a e preparando-a para a primeira amamentação. Contou sobre o uso de banhos e óleos nos cuidados com o umbigo e a recuperação da mãe, como está atenta à nova família de forma tão integrada.

Seja através da benzeção ou de um parto assistido pela sabedoria e pelo amor das mulheres parteiras, sabemos que são as mulheres que tradicionalmente cuidam e que há milênios as mulheres são grandes conhecedoras das plantas. Os cuidados e as plantas têm estreita relação, e é através das mãos das mulheres que sua energia, seus cheiros, essências, princípios ativos se transformam em cura.

Como bem lembrou Sueli, a brincadeira, a beleza, a escuta, a convivência em alegria de cada Encontro nutre nas mulheres o sentido da caminhada, apontando também os caminhos do projeto, seus sonhos, escolhas e realizações.











PLANTAS PARA BENZER, CURAR E CUIDAR...

Por esse sentido de cuidado e por reconhecer nas Mulheres do Alto Vera Cruz um cuidado mútuo, o projeto Semeando Saberes Ancestrais e as Meninas e Bordadeiras de Sinhá receberam Aparecida Arruda, conhecida como Tatinha, mestra que contou sua história com as plantas medicinais e como abraçou e foi abraçada pelo cerrado que a cada dia lhe ensina mais e mais. O que aprendeu transmite a quem queira aprender com ela. E nessa troca de saberes também ouviu outras mulheres: muitas do Alto Vera Cruz são conhecedoras das plantas, cuidaram e foram cuidadas com chás, óleos, pomadas, xaropes e a espiritualidade das plantas... E, nesse Encontro, lembraram e compartilharam as receitas que aprenderam e os nomes pelos quais conhecem os mais variados matinhos. Marli também trouxe do Vale do Jequitinhonha as plantas “encantadas” e as que nascem no quintal de sua casa, compartilhando seus usos e preparos. Boldo, dente-de-leão, arruda, carqueja, macela, manjerição... as plantas eram tantas e tantas as perguntas e lembranças, que a tarde passou voando e só foi interrompida quando o cheiro do bolo de milho invadiu o salão. Feito por Marli, o bolo assado na folha de bananeira inaugurou o forno construído nos Encontros anteriores e concluído naquela tarde com a primeira queima.

As Meninas e Bordadeiras de Sinhá também receberam Nalva Aline, coordenadora de Saúde e Bem-Estar da Tingui, importante parceira do projeto. Nalvinha, como é conhecida, com sua voz delicada, zelava por aquele momento de “troca de energia muito profunda, de estreitamento de laços”, como lembrou. Na roda, a

troca de massagens nas mãos, com óleos perfumados, permitindo o carinho, nutrindo vínculos, trouxe calma ao coração. “Foi um Encontro de saberes, de cuidados, de cuidado um com o outro, de amor, de passar afeto, compreensão, perdão, união, muita fraternidade, muito carinho, a nossa relação com as plantas, com a natureza, com o amor, com o universo. Foi uma coisa maravilhosa, muito relaxante, muito confortante e que remete à gente várias memórias da nossa infância, da nossa ancestralidade”, compartilhou Seninha.

As cantigas entoadas por várias Meninas e os espaços de silêncio embalsamaram um doce momento de cuidado: Marli e Nalva cuidaram dos pés de cada Menina com o preparo das ervas e o sal na água quente de um escalda-pés e a massagem delicada de suas mãos. “Me fez lembrar do tempo que eu era criança e morava com meus pais e eles faziam banhos com raízes, com folhas, para tirar dores do corpo, tirar inchaço”, diz Ercília. O gesto do cuidar tão lembrado e tão percebido por todas tomou conta da conversa e dos corações.

O canto da tradição congadeira lembra do cuidado comunitário, da força da fé, do amparo dos céus e da terra: “Tá caindo fulô, tá caindo fulô, cai no céu, cai na Terra, olelê tá caindo fulô!” “A gente pede pra natureza aquilo que vem dela mesma, pra nos curar, pra curar nossa alma, curar nossas carências, porque a natureza, ela é rica, ela nos oferece tudo, tudo na verdade tem nela a resposta”, enfatiza Nalva.

Os meses se passaram, já era tempo de chuvas, mas naquele dia o céu se abriu em um azul profundo.





Céu de brigadeiro, dizem! O trajeto não era longo, mas a turma, animadíssima em espírito de excursão, cantava e brincava nas vans que saíram do Alto Vera Cruz pela manhã em direção a Roça Grande, bairro de Sabará que guarda um lugar muito especial: o Ervanário São Francisco, casa, laboratório, jardim, farmácia, espaço do cerrado onde as plantas falam ao pé do ouvido, revelando sua missão de cuidar.

Fruto de uma caminhada que teve início no Alto Vera Cruz, o Ervanário brotou, cresceu e amadureceu pelas mãos de Tantinha e seu marido, Fernando Vieira, e tornou-se uma luz para as redes da agroecologia e das práticas integrativas de saúde. Fernando encantou-se, mas deixou sua força. Tantinha, em amor à terra, no desejo de oferecer ao mundo o que aprendeu com a natureza e com muitos e muitas outras mestras – raizeiras, parteiras, benzedeiras – segue fabricando remédios e cosméticos, compartilhando saberes e aprendendo.

O dia foi de um reencontro, pois, depois da visita de Tantinha à sede das Meninas de Sinhá, permaneceu no ar o desejo de irmos conhecer o Ervanário e vivenciar ainda mais o convívio com Tantinha. Dia de aprendizados e ensinamentos, quando cada uma levou uma planta trazida de seu quintal, do quintal de uma vizinha, de uma comadre, e juntas lembraram de suas utilidades e preparos.

Em coletivo, as mulheres fizeram uma pomada cicatrizante com diversas ervas, como trapoeraba, orelha de cachorro, tanchagem e arnica, cuidando de cada etapa: escolher quais plantas utilizar, prepará-las para a imersão,

aquecer o óleo, adicionar a cera, conhecer o ponto certo para que seja feita a extração dos princípios ativos, coar e colocar nos potinhos.

No Ervanário, as mulheres nutriram a alma e o corpo com um delicioso café oferecido por Tantinha e a energia das plantas que tocaram mãos e corações. Na caminhada pelo quintal, entre cheiros, sabores, texturas, cores, formatos, as mulheres observavam tudo, despertando memórias dos chás e unguentos feitos pelas mães e avós, revelando os matinhos que crescem em seus quintais e os saberes que muitas delas carregam. E, por falar em carregar, ninguém saiu dali sem levar junto os ramos de ervas, folhagens e flores que a anfitriã tão generosamente ofereceu.

Tantinha lembrou que ter uma farmacinha caseira pode ser libertador, pois dá maior autonomia e autoconhecimento. Sabedoria que as Meninas e Bordadeiras de Sinhá conhecem e conquistam cada vez mais.

Semear saberes ancestrais também é uma forma de cuidado. E para compartilhar: melissa, além de cheirosa e saborosa, é excelente para abrandar tristeza e ansiedade, é digestiva e fortalece o sistema imunológico. Dica das Meninas de Sinhá.





 **PPP-4-20s**
PROGRAMA DE PEQUENOS
PROJETOS ECOSOCIAIS









**DA ESPIGA DE MILHO,
PANO OU PAPELÃO...**

Além das ervas, a alegria é remédio capaz de sanar o corpo e a alma. Alegria que encontra, nas memórias de cada uma, lugares de sonho e de encantamento, mas também desperta, na descoberta, novos desejos. No projeto, o tema das bonecas brotou não apenas das memórias vividas, mas de desejos guardados desde a infância. Partindo da história de vida de Pretinha, uma das Meninas de Sinhá, nasceu a iniciativa de reunir as mulheres em torno da confecção de bonecas de pano. Pretinha tem em casa dezenas de bonecas, cuidadas com muito carinho por ela. Mas ela não teve bonecas na infância e já mais velha foi reunindo-as, de várias cores e feitas de vários materiais. Uma coleção que a orgulha e preenche esse espaço da infância desejada, do cuidado, da alegria.

O projeto Semeando Saberes Ancestrais trouxe do Vale do Jequitinhonha Dona Sena, Dona Maria Lúcia e Marli para, junto das Meninas e Bordadeiras de Sinhá, confeccionarem bonecas de pano. Os tecidos alinhavados iam ganhando enchimento, e os corpinhos espichavam seus braços e pernas, brincando no ar entre os dedos habilidosos das Mulheres do Alto Vera Cruz.

Enquanto nasciam em forma, as Meninas lhes costuravam nomes e memórias. As bonecas já eram filhas, filhos, mães, netas e netos, irmãs, amigas, pessoas homenageadas, ou apenas aguardavam por um carinho, um cuidado. Muitas delas traziam a memória das bonecas da infância, feitas de pano, barro ou sabugo de milho por elas, pelas irmãs e amigas. Outras lembram que quando crianças já não podiam brincar muito e as bonecas só vieram na vida adulta.

“Com o sabugo! Fazia uma roupinha, punha e ficava até bonitinha, viu? Eu brincava muito mesmo”, recordou Geralda. E uma boneca bonita, feita de sabugo, só mesmo de uma bela espiga de milho, sabedoria importante das meninas e meninos que faziam brinquedos com o milho. E que nem sempre agradava os mais velhos, como lembra Maria José: “A minha boneca era de espiga de milho. Aí fazia vestido, fazia cabelo, tudo de espiga de milho. Principalmente quando no pé de milho as espigas estavam tão bonitas, eu quebrava e meu pai xingava, minha filha. Fazia aquelas bonecas, arrumava aquilo, mas ficavam igual umas princesas as bonecas.” Natividade também sabia escolher: “Quando tinha aquelas espigas lindas, maravilhosas, eu ia lá e arrancava!”

As bonecas chegaram trazendo muita alegria nos dois dias de confecção, quando todas cantaram, conversaram, brincaram, se divertiram enquanto os cabelos, as roupinhas, os olhos, as bocas e os adereços traziam também os jeitos das mulheres costureiras.

“Eu construí com tanto amor, eu nunca fiz boneca a não ser de milho, fazia o olhinho lá e tal. Mas construção de boneca igual eu fiz aqui, pra mim foi uma experiência linda. Eu coloquei o nome da minha mãe na boneca, batizei a boneca, mas não tive coragem de entregar pra minha mãe não”, confidenciou Sueli. “Eu nunca tinha feito boneca – eu nunca tinha gostado – mas eu falei: eu vou entrar! Entrei e gostei e fiz a minha boneca”, contou Rosária com um imenso sorriso no rosto.

As histórias das bonecas se misturavam às delas e às tantas infâncias do passado e do presente, no

mergulho profundo das lembranças e no encontro com as crianças que hoje habitam corpos vividos e crescidos, se permitindo brincar. A cantoria embalava a costura e o Encontro, com a presença de Ephigênia, Geraldo, Rosária, Líbio e Carlinhos, para no terceiro dia virar festa de batizado, com direito a madrinhas, padrinhos, celebrante, escritã e muitas testemunhas!

Ercília conta que, quando vivia na roça, “a gente penteava o cabelo das bonecas, punha o nome daquelas meninas ricas que vinham aqui para Belo Horizonte”. E hoje “eu estou realizando um sonho, porque batizei as bonecas aqui, foi uma lembrança linda de ter batizado as bonecas, ter arrumado a comadre”.

Geraldo assumiu o lugar de um padre e com muito humor encenou um ritual livre, com água “de flores” e raminho. Seninha fazia as vezes de escritã, registrando cada boneca, suas madrinhas e padrinhos.

Na infância de algumas Meninas e Bordadeiras de Sinhá o batizado era um momento importante, agregador, que envolvia a família, amigas, vizinhas, primas, irmãs e irmãos, como narra Seninha: “A boneca, eu acho que me tocou mais, que eu vivi muito mais brincando e fazendo, confeccionando todas as minhas bonecas. (...) A gente fazia batizado do boneco, a gente fazia festa do batizado, tinha as comidas do batizado, macarrão com frango, tutu de feijão com linguiça, sobremesa de arroz-doce. A gente fazia, por exemplo – minha tia morava no Córrego das Abóboras, a gente morava no Corvo do Baú – e combinava o dia de fazer o boneco, arrumava os padrinhos, fazia o batizado, a gente ia pra lá, lá a gente



fazia o altar, arrumava um padre, vestia a roupa do padre, tinha a estola, botava uma camisola branca da mãe, da avó, botava uma estola ali que era qualquer coisa, arrumava um raminho de alecrim, de qualquer coisa pra benzer, fazia o batizado, tinha o padrinho, a madrinha, a tia ia fazer a comida lá, a festa do batizado. Os compadres eram pro resto da vida, de verdade, e na hora do batizado era aquele ritual ali que eu falei pro Geraldo repetir: "Eu te batizo em nome do pato, do pinto e do frito frango!" Porque eu não podia falar o normal que o padre fala, era uma brincadeira, então a gente tinha que inventar ali. Mas a cerimônia era tudo como se fosse, uma toalha branca bordada com um boneco ali, com aquela camisola bonita que fazia, minha mãe fazia casinha de abelha aqui no peito da camisola de voal, toda ali de rendinha, igual fosse o batizado numa criança mesmo. Era tudo muito legal. Isso me retornou porque, além do boneco, tinha a convivência, de conviver com os primos, com a tia, das comidas, das sobremesas, do encontro mesmo ali, daquela vivência durante o dia todo."

De sua infância, Noêmia trouxe as memórias do brincar de roda, de cantar e acompanhar a mãe nas rezas e encontros com as "comadres", que viviam perto de casa. Dessa vez, "a minha comadre é do Jequitinhonha!" Ozebra, sua boneca, tem nome "inventado e tá no registro. O padre deu a benção."

Devidamente registradas no cartório do imaginário do Alto Vera Cruz, batizadas com raminho e água cheirosa de flores, apresentamos: Carmelita, Lucinda, Vitória, Yasmin, Patrícia, Joacira, Pafúncio, Ângela Maria,

Pretinha, Dolores, Maria Joaquina, Laís, Chiquinha, Sofia, Escolástica, João Pedro, Maria Vicenza, Matilda, Florisbela, Alzira, Nara, Marli, Ágata, Cecília, Karina, Malvina, Viviane, Geovana, Ozebra, Francisca, Cecília, Marina, Suzi, Manoelina e Alzira Maria de Jesus.









PRESÉPIOS E PASTORINHAS: UM NATAL BRASILEIRO

Arte, aquela que habita os espaços sutis e poéticos da alma, que surge das mãos que bordam, que brota do coração daquela que canta, se expressa nas cozinhas, na casa arrumada, nos jeitos de dançar e brincar. Sem censura, a arte nos lança no território da imaginação. O tempo, o tempo se abre em estado de presença e graça, convidando todas e todos para voltar aos quintais ou à rua, à terra e ao encantamento dos presépios que, grandes ou miúdos, acolhem o desejo de Beleza para receber o Menino Deus.

Os preparativos para o Natal Brasileiro das Meninas e Bordadeiras de Sinhá recebeu um convidado muito especial. Adelsin já era amigo, cuja presença sempre proporcionou alegria. Desta vez Adelsin trouxe para a roda o encantamento dos brinquedos e, com papelão, cola, madeira, tecidos, tinta e papel crepom, deu início à montagem da festa. A ideia era preparar o espaço, com o presépio e a decoração, além de produzir os adereços das Meninas e Cantadeiras do Souza, a partir das ideias, das práticas tradicionais e dos tantos talentos das Mulheres do Alto Vera Cruz.

Com papelão e papéis coloridos, as mulheres produziram uma grande roda de Meninas e Bordadeiras em bonequinhas que cantavam de mãos dadas com seus vestidos coloridos. Ao redor delas, as casinhas do Alto Vera Cruz, feitas de caixas de papelão em suas tantas cores e formatos, representavam as construções conhecidas: igreja, bar, casa da avó, casas pequenas, grandes, com poucas ou muitas janelas. As casas que, colocadas em muitos planos, formavam as ruas íngremes do bairro.

Arquinhos para os cabelos, flores para as saias, adereços e enfeites para deixar a rua bonita e mais lindas ainda as Pastorinhas e Ciganinhas do Auto de Natal. As primeiras ganhavam arquinhos de cabeça com flores amarelas e um avental de papel vermelho com flores amarelas que seriam colocados sobre as saias de chita. As segundas traziam cestinhos de flores nas mãos e arcos e colares de flores vermelhas. E dá-lhe produzir flores, muitas flores amarelas e vermelhas. Com gosto, as artesãs do Alto Vera Cruz, guiadas por Adelsin e pela professora Ronilda, preparavam os adereços de todas e também para as Meninas e Mulheres de Jequitibá, com muita dedicação e capricho. Enquanto isso, outro grupo de mulheres cuidava da preparação de cordões de fitas. Feitos de muitas cores, os cordões completariam o cenário, fixados nos postes para enfeitar a rua.

Feito com vários materiais, nascia em um canto do salão da sede das Meninas de Sinhá um grande presépio, reunindo gostos e ideias, luzinhas, os animais, Maria, José e os três Reis Magos a mirar o menino recém-nascido na manjedoura. Tradição em tantas casas, o presépio, como gesto de esperança e devoção, traz o anúncio da vinda de Jesus e da festa que lhe será oferecida.

Não podiam faltar as cantigas que, entre varais de fitas coloridas e as tantas flores sobre as mesas, soavam pelo salão, misturando o fazer manual ao ensaio musical, na ajuda mútua para lembrar cada canção aprendida. Afinal, grande parte do repertório era inédito para elas, ensinado por Marli, das Cantadeiras do Souza, arranjado por Sarah Assis e com preparação vocal de Luciana





Alvarenga. E, assim, arrumada a casa para receber os convidados, as mulheres celebraram a alegria do Encontro, de aprendizados e trocas, da arte que emana de cada uma.

“Acorda, Alto Vera Cruz!”, chamava Patrícia ao microfone toda a vizinhança da sede das Meninas de Sinhá. A rua amanheceu coberta de fitas coloridas e aos poucos foi se transformando em cenário e plateia. O presépio aos pés da imensa árvore, como um mini-Pipiripau, fazia rodar no ar a estrela maga que, sobre as casinhas do Alto Vera Cruz, atravessava o céu da roda das Meninas de Sinhá anunciando a boa-nova: Era chegado ao mundo o Menino Jesus!

Num rosário de cantigas e narrações, Pastorinhas, Ciganinhas e as personagens Libertina, o Anjo, a Borboleta, o Rei Herodes, o Pastor Velho, os Magos do Oriente, a Estrela e as Três Marias contaram e cantaram a história do menino nascido em Belém e o milagre que trouxe Libertina novamente à vida. A tradição vem das Pastorinhas do Souza, de Jequitibá/MG, que, nesse ano, se juntaram às Meninas de Sinhá, e das memórias das Meninas que viveram a tradição das Pastorinhas, para levar tão linda história até o Alto Vera Cruz.

“Oh, que saudade do céu da nossa terra, daquele céu de cor azul! Com azul e cor de rosa, saudamos o Cruzeiro do Sul!”, chegaram todas cantando, reunindo as vozes de Jequitibá e do Alto Vera Cruz. E, depois de assistirem a esse belo espetáculo, o público cantou e se misturou em uma grande roda no salão, para juntos adorarem o Menino que dormia no presépio todo



iluminado. Uma alegria que tomou conta de todos e não deixava ninguém ir embora!

Um Encontro de adoração e muita alegria, a festa *Natal Brasileiro, Pastorinhas e Presépio* foi uma linda culminação para uma profunda travessia de Encontros e compartilhamentos de saberes ancestrais que, ao longo do ano, “acordaram” nos corações tantas memórias e despertaram novos aprendizados. Para Joana, Menina de Sinhá que está no grupo há uns 15 anos, foi um dia mais que especial, pois pela primeira vez ela teve na plateia suas irmãs e sobrinhos. Desejosa por compartilhar com a família um lugar tão importante em sua vida, Joana esperava que um dia as irmãs pudessem compreender o significado do grupo não apenas para ela, mas para a comunidade do Alto Vera Cruz: “Eu achei muito bonito das minhas irmãs terem vindo, achei lindo e maravilhoso, para elas verem o que é Meninas de Sinhá!”











**REINADO:
EU CHEGUEI LÁ DE ANGOLA,
VIM TRAZER PAZ E ALEGRIA**

A delicadeza das flores brancas ao redor do altar. Sobre ele, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, convidada de honra desse dia. As Meninas e Bordadeiras de Sinhá abrem as portas da casa para receber seu Reinado, representado pela Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário Alto dos Pinheiros e pela presença de Isabel Casimira, Rainha do Congo da Guarda de Moçambique e Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário e do Estado Maior de Minas Gerais.

Isabel, também chamada de Belinha, esteve presente em uma das Vivências do projeto, retornou dessa vez para acompanhar o Encontro, tão aguardado por todas. Desde a Vivência em que conheceram as Rainhas Belinha e Dona Geni, um desejo grande cresceu entre as Mulheres do Alto Vera Cruz: ter a honra de receber naquele salão uma guarda de reinadeiras e reinadeiros. Caixas, patangome e gungas ecoavam ainda na rua e aos poucos as vozes atravessavam o salão, anunciando a chegada e pedindo licença às donas da casa. Os olhos brilhavam e se enchiam de água e alegria. A Guarda trazia à frente a bandeira e, diante do altar, reverenciou Nossa Senhora.

“Eu cheguei lá de Angola, vim trazer paz e alegria / Eu sou negro de Angola, venho do lado de lá, eu cheguei aqui agora, pois eu vim pra festejar / Que alegria!”, cantou Capitão Geraldo. Em sua primeira fala, ele lembrou “a liberdade onde podemos festejar o Rosário, onde podemos festejar o Reinado. (...) A liberdade se torna presente quando dois ou mais de nós estamos reunidos em nome da Virgem Mãe Nossa Senhora do Rosário.” E, em louvor

à Nossa Senhora do Rosário, Pretinha, convidada a falar, entoou a ela uma oração.

Capitão Geraldo chamou a todas e a todos para rezar um Pai-Nosso como símbolo da irmandade entre todos, lembrando o sentido do Encontro, no qual, mesmo com suas distintas crenças, todas e todos podem se ver como irmãos de caminhada.

Em especial reverência às mulheres negras, Pretinha abriu o canto das Meninas de Sinhá com sua voz forte e profunda de mar e sua composição para Iemanjá, “a rainha do mar, Sereia”, entoada em seguida por todas elas: “Foi na areia, foi na areia...” As Meninas de Sinhá cantaram e dançaram, oferecendo a todos os presentes uma linda apresentação. As anfitriãs ainda ofereceram um delicioso café comemorado com animação pela Guarda: “O tatu vai moer fubá...”

Depois do café, formou-se a roda de conversa, na qual integrantes da Guarda contaram sobre a formação do grupo, a devoção ao Rosário, a referência dos mais velhos e uma forte consciência de seu valor ancestral.

Belinha contou sobre como sua família se estabeleceu em Belo Horizonte e como o bairro Concórdia é fruto da gentrificação que, desde o início da capital, estabeleceu territórios claros para a elite e os trabalhadores da cidade, mas lembrou que, dessa forma, o aquilombamento em seu bairro fez brotarem as tantas sementes das tradições africanas. Belinha reforçou a importância de seguir cuidando para que os descendentes de povos negros sigam fortalecidos e cientes do passado escravagista e dos mecanismos ainda vigentes de





escravidão. Também lembrou que o fortalecimento se dá em irmandade, em que todos congregam uma realidade, e que a fé é aprendida com os mais velhos.

Assim também lembrou Geraldo de sua infância e de como, quando era menino, ia ver as Marujadas de mãos dadas com o pai, desejoso de tocar a caixa! Uma lembrança que lhe trouxe alegria e gratidão pela oportunidade de receber ali, no Alto Vera Cruz, a Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário Alto dos Pinheiros e a Rainha Belinha.

A Capitã Elizangela contou sobre a origem da Guarda e como, tendo como princípio a humildade, o grupo se constituiu, seguindo a tradição passada de geração em geração. Lembrou que a devoção em santos católicos foi um grande ato de resistência: “E a principal estratégia utilizada, eu falo que é uma das mais inteligentes do planeta, foi sincretizar a fé. Trazer os santos para dentro da nossa fé foi um ato de resistência, para que nós pudéssemos resistir. Por isso, nós nunca estamos sozinhos, isso é um conhecimento ancestral entre nós.” Capitã Elizangela tem a consciência de que é preciso reverenciar os mais velhos e incentivar os mais novos, os que estarão à frente para sustentar as tradições.

Capitão Geraldo, depois de dizer que há que se curvar diante das mulheres, pontuou que, ao entrar naquela casa, louvou Maria. E, lembrando da cantoria das Meninas de Sinhá, contou a história da Santa retirada das águas pelos negros escravizados – lembrada pela Guarda no cantar “Puxa ê, puxa...” –, refletindo como os cantares de puxada de rede se irmanam: “Já estava programado

pela espiritualidade. Ancestralidade falada, cantada, versada, dançada, rezada de várias formas. Então o que precisamos fazer? Nos curvar diante da potência maior, que é Deus, mas na representatividade de Maria, a nossa Virgem Mãe Santíssima. Que ela possa cobrir a todos com o manto sagrado da divina luz e que ela seja o nosso pensar, que ela seja o nosso caminhar, que ela seja o nosso dia a dia, porque só isso nos tornará mais leves a cada dia. Porque, quando uma mãe fala, o filho obedece.”

Geraldo lembrou ainda que está em uma “casa de Sinhá”, mas não uma “Sinhá de ontem”. “Uma Sinhá de hoje, de posse daquilo que é nosso. Essa é a casa de Sinhá, mas não com a chibata na mão, é a Sinhá com oportunidade. Então que aproveitemos esse momento.”

E tudo se fez festa, canto, dança, bênçãos e abraços.

Um cheiro muito bom já percorria o salão. O almoço estava servido e era hora de nutrir o corpo, mas seguir sonhando como a força e a beleza deste Encontro.

Salve Maria para quem é de Salve Maria!





SÈME AND
SABER
ANCESTRAL

The image shows the back of an elderly woman with short, curly, light-colored hair. She is wearing a light pink t-shirt. On the upper back of the shirt, there is a graphic consisting of a small cluster of dots above the text "SÈME AND", "SABER", and "ANCESTRAL" stacked vertically. The text is in a bold, sans-serif font. Below the main text, there is a row of small, illegible logos or text. The woman's left arm is bent, and she is wearing a silver-toned metal link wristwatch. Her hands are clasped together in front of her. She is also wearing a red headband with a flower and glasses. The background is a plain, light-colored wall.





**PENERÔ, PENERÔ,
BISCOITINHO DE FUBÁ:
ENTRE CANTIGAS
E QUITANDAS**

O sábado amanheceu com a fumaça do forno subindo. Na roda, orar, agradecer, pedir a bênção, conectar-se ao Divino como ingrediente primordial. Era dia de quitanda, dia de assar as tantas delícias que, junto ao cheiro da lenha queimando, traziam as memórias das cozinhas, seus aromas, a memória das mãos de mães, avós e vizinhas a amassar bolos e biscoitos. Lembrança que invade o dia, que levanta com a farinha leve do fubá, rodopia nas bacias e no liquidificador, derrama-se nas fôrmas e na palha de bananeira.

O forno, previamente aquecido, seguiu os passos da tradição: colocar a lenha, deixar queimar, remover o excesso da madeira e deixar só o calor e poucas brasas. Assim está pronto para assar muitas delícias.

Em grupos, as mulheres dedicaram-se a reviver receitas, aprender e ensinar. Na alquimia das cozinhas, elas conhecem ingredientes e inventam, fazem do seu jeito, compartilham saberes que, de geração em geração, sustentam tradições, aperfeiçoam práticas. Mas, mais ainda, são elas que, nos tantos lares por todo o mundo, nutrem e cuidam. A comida é, assim, ação amorosa. Ao compartilhar umas com as outras os seus saberes, compartilham afetos.

O dia tornou-se uma grande partilha afetiva de receitas. No fazer junto, a cumplicidade se expressa nas sutilezas, risos, lembranças familiares, pequenas dicas e ideias. A Menina de Sinhá Sueli compartilhou o fazer de seu “biscoito montanha-russa”. Niuza ensinou a preparar um delicioso doce de mamão ralado. Já as Mulheres do Jequitinhonha trouxeram receitas do biscoito de goma

de mandioca, também chamado de biscoito escrevido, espremido ou avoador, e de bolo de travesseiro, feito em duas versões: milho, ensinado por Nêga, e mandioca, ensinado por Dona Sena.

As companheiras ajudaram a cortar o mamão, peneirar o fubá, ir aos poucos acrescentando os ingredientes, depois misturar e amassar os preparos. O biscoito escrevido ganha as formas tradicionais, que mais parecem cobrinhas nas latas, como são chamados os tabuleiros rasos no Vale do Jequitinhonha. O nome do biscoito ganha mais força quando soubemos que em algumas comunidades do Vale eles eram feitos em fôrmas cheias de significado:

“Porque é quando a gente, uma moça que queria conquistar um rapaz, mesmo que elas não sabiam ler, elas faziam. Chamada varanda, um quadro de varanda nas fôrmas, sabe? E aí dava para aquela pessoa, fazia uma fôrma especial. Então era chamado de varanda, fazia varanda, fazia boneca que representava aquela moça ou aquele rapaz, fazia o Sol, fazia a Lua, fazia flor e fazia aranha. Essas eram as formas de comunicação das pessoas para aqueles que vinham para a festa. Era maromba, domingada e várias outras festas de comunidade, sabe? Então, por isso, chama biscoito escrevido. Era uma forma de comunicar e de festejar. E as pessoas, já acostumadas com aquela maneira, aquela linguagem, faziam aquelas varandas, fazia o Sol, fazia aranha, fazia a Lua, estrela. E dava, né? Aquele desenho especial era entregue para aquela pessoa que se sentia que era especial para você. E outra coisa: ele era enrolado numa palha de banana. Começava aquela festa, a moça saía





com aquele biscoito, um laço de fita, e entregava ao rapaz ou qualquer pessoa que era especial. Aquela pessoa que recebia já entendia. Aquilo ali era a porta de entrada para uma conversa. É como se fosse uma carta, né? (...) Então não era usado, não era letra não, mas a moça que sabia ler também escrevia. Escrevia a letra do nome daquele rapaz na varanda e daí, quando entregava, era só alegria.” Marli conta ainda que a resposta do rapaz podia vir em forma de serenata “numa noite de lua clara na janela dela”, oferecendo ainda uma rosa vermelha ou branca.

Maria, mais conhecida como Nêga, conta que, nessa região do Jequitinhonha, o bolo de travesseiro é chamado por muitos nomes, como bolo de folha, cabo de machado, Mané pelado e João deitado, dependendo da comunidade e de pequenas variações, como o tamanho do bolo e algumas diferenças entre ingredientes. Mas o que caracteriza essa quitanda é a maneira de fazer, quando a massa é embrulhada em um retalho de folha para então ser assada. Juntas, as Mulheres do Alto Vera Cruz e do Jequitinhonha prepararam as folhas da bananeira, passando-as no fogo para amolecê-las e torná-las flexíveis para, então, enrolar os “travesseiros”.

A bordadeira Maria Lúcia lembrou quando, em sua família, a tradição era preparar as quitandas nas quintas e sextas-feiras. O forno, feito com o cupinzeiro, assava biscoitos, pães, bolos e a broa de milho que, também, com o uso da folha de bananeira, era chamada por sua gente de João deitado. “Aprendi com minha mãe, então eu tenho muita saudade.” Assim como ela, fornos de barro e quitandas guardam as lembranças familiares e

comunitárias mais marcantes. A comida como oferta, a memória como fonte.

EU HOJE VOU PRA RODA COM AS MENINAS DE SINHÁ

Nas Meninas de Sinhá, a música também é alimento vivo, a nutrir o cotidiano e manter o fio que as conecta não apenas ao passado, mas também à amizade do convívio entre elas e na relação com o público. O grupo tem sua história, reconhecida como uma das grandes referências de projetos comunitários que têm na cultura o caminho de desenvolvimento humano. Por isso, o projeto chega ao final não apenas com os tantos frutos colhidos por cada uma e pelo grupo, mas também oferecendo ao público a música que brotou de cada Vivência.

Não havia Encontro sem canção, sem roda, sem o brincar. Algumas das canções trazidas por outras Mulheres marcaram as Meninas de Sinhá, fazendo-se desejo de cantar, cantar e cantar de novo. Cantigas que encontraram nelas também o seu jeito de versar, acompanhar os instrumentos e abrir vozes. Que encontraram eco em suas próprias histórias e musicalidades internas. Com o apoio de Sarah e Luciana, professoras de música do projeto, e a direção artística de Patrícia e Viviane, o grupo incorporou muitas ideias e as transformou em um lindo espetáculo. O dia das quitandas também foi dia de música, quando as Meninas mostraram para a equipe do projeto um show alinhavado por elas, no qual as canções selecionadas





trouxeram o que mais as conectou aos outros grupos e pessoas durante as Vivências.

Ingrediente musical, o encantamento mútuo pelo cantar umas das outras constituiu um repertório que bebe na fonte de musicalidades de raízes ancestrais, comuns a todas elas. Tudo é familiar, comunitário. E, assim, as Meninas de Sinhá imprimem nas rodas de versos a sua poesia, e convidam as demais para comporem com elas o espetáculo, escolhendo canções que aprenderam ou aquelas inspiradas pelas experiências com cada pessoa convidada.

“Para além de um trabalho musical, a gente desenvolveu um trabalho de acolhimento, de conhecer outras músicas, outros sons, outras linguagens. Então eu acho que o resultado final que a gente está oferecendo, acho que o Grupo Cultural Meninas de Sinhá, com todos os seus integrantes, vem oferecer essa musicalidade que é histórica do grupo, e ao mesmo tempo aprender a receber também, a acolher”, ressalta Sarah.

Um acolhimento que leva para a cantoria as musicalidades de vários territórios de fé, trazendo para dentro a voz de Pretinha e sua ancestralidade, o “jogar versos”, no qual o protagonismo é mais coletivo, contempla gostos e ideias de todas e traz para a roda vozes sem hierarquia.

No Encontro com a Rainha Belinha, Pretinha lembrou da cantiga “Campestre Verde”. Belinha lembrou que sua mãe também lhe cantava essa canção, e juntas recordaram os versos que abrem a apresentação, com o coro de todas as Meninas: “Campestre Verde, oh, meu Jesus, Madalena prostrada aos pés da cruz.”

As pequenas orações, lembradas e presentes nas rodas de cada Encontro, juntaram-se às canções de ninar, formando um conjunto de cantos de cuidado e benção inspirados pelo Encontro com mulheres como Dona Cota, Dona Geni e Nalva. Os cantos de trabalho, do fiar e tecer, do plantar e colher, trazem os versos improvisados entre os refrões aprendidos com as Mulheres do Jequitinhonha. “A mutuca é miudinha, danadinha pra morder, quando ela morde a gente vai inchando até morrer / Arreda gente, que a mutuca evém!”

Do Encontro com as Rendeiras da Aldeia, a delicadeza rendada em versos: “Ô céu, me leva, ô céu dourado, ô céu, me bota nos braços do namorado.” Com a força das Rainhas vieram os cantos dos Reinados, e em coro as Meninas entoaram “Iemanjá”, a canção de Pretinha que a cada dia ganha mais força na voz de todas. Dentre as várias cantigas das Cantadeiras do Souza, coube às Meninas a difícil tarefa de escolher dentre tantas belezas. Assim como de seu próprio repertório, de onde vieram cinco cantigas para compor o espetáculo final: “Minha Sabiá”, da tradição oral, “Canção de Ninar” de Niuza, “Canto de Iemanjá” de Pretinha, e “A Rede” e “São Gonçalo” de Ephigênia Lopes, esta última cantiga escolhida para homenagear as Bordadeiras do Grande Sertão: Veredas.

A tarde de cantoria também contemplou muitas conversas para organizar o evento. E só poderia terminar com a fartura da mesa, cheia de quitandas preparadas naquele dia.





SEMEANDO
SABERES
ANCESTRAIS

SEMEANDO
SABERES
ANCESTRAIS

ENDO
ERES
RAIS

SEMEAN
SABER
ANCESTRAL





**MUITO PARA ENSINAR,
MUITO PARA APRENDER**

As Vivências foram, ao longo desses tantos Encontros, território do brincar, do conviver em alegria, da partilha de saberes. Nesse tempo, as Mulheres também foram transformadas em seus cotidianos, viveram perdas e alegrias, mas encontraram um espaço de amizade, acolhimento, liberdade de escuta e abraço que as fortaleceu ainda mais como grupo e alcançou todas as Mulheres que integraram o projeto.

As memórias se juntam aos novos aprendizados, ampliando a dimensão de cada vida já tão vivida. “Eu quero dar continuidade ao que eu aprendi de novo”, diz Niuza, Menina de Sinhá que, além de participar com muita dedicação de cada Vivência, hospedou algumas vezes em sua casa as amigas que vieram do Vale. Das lembranças pipocam imagens, cantigas e a amizade que permanece: “Muitas coisas fizeram eu lembrar da minha mãe, quando ela ganhava os meninos, minha irmã ganhou neném na nossa casa, os meninos dela foram criados com a gente, então eu lembrava quando as parteiras iam lá, porque não tinha médico, e era igual a gente viu aqui. Ela ensinava as orações, era do mesmo jeito. Eu fiquei recordando aquilo, também sobre esses bolos gostosos, os bordados. E teve o ponto cheio, que eu não sabia, o bordado das Meninas do Jequitinhonha, eu me encantei com eles e falei: eu tenho que bordar igual a essas Meninas. Eu me sinto realizada porque eu acho bom demais aprender as coisas, mas também gosto de ensinar o que eu sei. E gosto de aprender também. Então, tem muitas coisas que eu aprendi muito com essas

Meninas. Adoro elas, peço verso, copiei muitos versos no meu caderninho, adoro ver elas versar.”

O projeto Semeando Saberes Ancestrais espalhou muitas sementes. Sementes que guardam a memória da planta, trazendo a força ancestral da vida. Cada mulher vivida traz consigo a força de suas origens e experiências e todas as possibilidades de aprendizado.

“Tem tempo na vida para aprender uma coisa nova? Tem tempo pra gente aprender. Eu tenho 75 anos. E eu hoje faço mais coisas do que quando eu era nova. Muita coisa que eu não pude aprender nova eu aprendo agora. Eu acho que a idade não pode fazer com que a gente fique parada. Temos que sempre estar fazendo coisas, aprendendo mais. E ensinando também.”

“Depois que eu estou aqui, eu estou revivendo, reconhecendo as coisas que antigamente a gente às vezes nem ligava, não sabia do valor”, disse Maria Lúcia, que participou ativamente da feitura do forno e da pintura das paredes e, aos 63 anos, pegou pela primeira vez em uma agulha para bordar: “E estou bordando uma gracinha, estou aprendendo, graças a Deus! Eu estou feliz! Estou muito feliz!”

Estamos todas muito felizes!



FICHA TÉCNICA

Mulheres do Jequitinhonha (Chapada do Norte, Jenipapo de Minas, Berilo e Francisco Badaró)

Adriana Aparecida Pinto Coelho (Drica)

Andressa Guimarães

Geni Carvalho Soares

Maria Aparecida Leite (Nêga)

Maria Conceição Carvalho (Dona Cota)

Maria do Carmo Guimarães (Carmem)

Maria Emília Alves da Silva (Dona Mila)

Maria Lúcia Luiz Teixeira

Marli de Jesus Costa

Nalva Aline de Jesus

Nilza de Jesus Costa

Oraci Alves Leite (Dona Sena)

Mulheres do Urucuia Grande Sertão: Veredas (Bonfinópolis e Serra das Araras)

Maria Rosecley Araújo Almeida (Rose)

Tereza José Martins

Cantadeiras e Pastorinhas do Souza (Jequitibá)

Adriano José G. de Carvalho

Alice Mariana Carvalho

Araci Vicente de Paula

Carlos Emanuel Basílio

Davy Carvalho Ribeiro
Dejanira G. Campelo
Eliana de Fátima Carvalho
Fabiana Alice Gonçalves
Gilmar Candido Ferreira
Gislene Oliveira Diniz
Guilherme de Moraes Carvalho
José Eustáquio de Souza Carvalho
Lorena Coelho Nogueira
Luiz Carlos Ribeiro da Silva
Luiz Gustavo da Cunha Carvalho
Luiza da Cunha Carvalho
Marly Maria de Sousa
Raimunda Elisabet
Raimunda G. de Carvalho
Raquel Basílio
Sirleide Aparecida Ferreira
Sofia Trindade Ferreira
Sônia Maria de Carvalho
Tiago Gonçalves Carvalho
Vânia Lúcia Gonçalves

Rendeiras da Aldeia (Carapicuíba)

Aliane Lindolfo

Dalva Lima de Carvalho

Fátima Vilas Boas

Lucilene Silva

Lucilene Souza

Márcia Mesquita

Maria José Vicente da Silva

Núbia Esteves

Wilma da Silva

Convidados de Diamantina

Adelson Fernandes Murta Filho (Adelsin)

Aremita Aparecida Vieira dos Reis

Mulheres de Belo Horizonte

Isabel Casimira Gasparino (Belinha): Rainha do Congo da Guarda de Moçambique e Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário e do Estado Maior de Minas Gerais

Aparecida Ana de Arruda Vieira (Tantinha): Raizeira do cerrado e agricultora urbana

Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário Alto dos Pinheiros de Belo Horizonte

Cantadeiras Meninas de Sinhá

Antônio Geraldo de Almeida
Bernardina de Sena (Seninha)
Cleusa Rosa de Freitas
Diva Altina de Jesus Oliveira
Domingas Ferreira Alves
Dorvalina Maria de Oliveira
Ephigênia R. Lopes Teixeira
Ercília Avelar Soares
Gelza Jardim
Joana D'arc Coutinho
Líbio Raimundo Fernandes
Lourdes de Moura Silva
Maria Amélia Nogueira
Maria da Conceição Paulo (Pretinha)
Maria das Mercês Pedro
Maria Geralda de Paula
Maria Gonçalves Santos
Maria José de Oliveira
Neyde Auxiliadora das Neves
Nilva Evangelista de Miranda
Niuza Benedito de Souza
Noêmia Siqueira de Freitas
Rosária Madalena A. Damasceno
Sueli Avelino Batista

Bordadeiras de Sinhá

Aldair Costa Palhares

Bernardina de Sena

Cláudia Monteiro Oliveira

Cleusa Rosa de Freitas

Eliane Isabel dos Santos

Ephigênia R. Lopes Teixeira

Eva Manuela de Souza

Gelza Jardim

Júlia Rodrigues da Silva

Lazarina Trindade Maria de Jesus

Luzia Dias Ferreira

Maria Amélia Nogueira Costa

Maria Aparecida Luiz

Maria da Conceição Paulo

Maria das Graças Costa

Maria das Graças Pereira Guimarães

Maria Evangelina Pedra

Maria Geralda de Paula

Maria Gonçalves Santos

Maria José de Oliveira

Maria Lucia da Silva Nunes

Maria Natália da Paixão

Maria Natividade Carlos

Marinalva Lacerda Santos

Niuza Benedito de Souza
Percilia de Souza Pereira
Rosana Gomes
Rosaria Madalena A. Damasceno
Sandra Maria da Silva Gomes

Equipe Semeando Saberes Ancestrais

Patrícia Lacerda: Idealização e coordenação geral
Geovana Jardim: Gestão de projetos e produção
Simone Gallo: Coordenação de comunicação e assessoria de imprensa
Maria Helena Batista: Coordenação financeira
Viviane Fortes: Concepção e direção criativa das Vivências
Letícia Bertelli: Diários de bordo e textos do livro *Vivências: Semeando Saberes Ancestrais*
Cida Mascarenhas, Lourdinha Almeida e Stephanie Mascarenhas: Produtoras executivas
Denise de Souza e Pamella Noronha: Apoio financeiro
Rodrigo Diniz: Assessoria jurídica
Kadmus Serviços Corporativos: Contabilidade
Felipe Carnevali De Brot e Paula Lobato: Design gráfico
Luiza Duarte: Assistência de design gráfico
Anna Cunha: Ilustração
Beto Eterovick, Kika Antunes e Guto Muniz: Fotografia
Rhodes Madureira: Filmagem e edição de vídeos

Christiano Amaral: Site

Andréa Tupinambá: Mídias sociais

Márcia Romano: Revisão de textos

Rosângela Aparecida dos Santos: Serviços gerais

Daniela Luz e Luísa Luz: Design de produtos

Andréa Coimbra, Ativa Transportes

e Ormando Pereira: Logística de transportes

Professoras envolvidas nas Vivências

Luciana Alvarenga: Canto

Maria Aparecida Mascarenhas: Bordado

Marilane Damasceno: Artes visuais (desenhos para bordar)

Ronilda Conceição Vieira: Artesanato

Sarah Assis: Educação musical e percussão

Stephanie Mascarenhas: Bordado e artesanato

OSC Grupo Cultural Meninas de Sinhá

Maria da Conceição Paulo: Presidente

Sueli Avelino Batista: Vice-Presidente

Maria Gonçalves Santos: Tesoureira

www.saberesancestrais.org.br

www.meninasdesinha.org.br

www.youtube.com/meninasdesinha

www.facebook.com/meninasdesinha

Instagram:

@saberes__ancestrais

@meninasdesinha

Catálogo na Publicação (CIP)

B537 Bertelli, Letícia.
Vivências: Semeando Saberes Ancestrais / Belo Horizonte: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, 2024.

178f. il.:

ISBN: 978-85-94253-03-3

1. Saberes ancestrais 2. Mulheres 3. Idosos I. Grupo Cultural Meninas de Sinhá II. Bertelli, Letícia. III. Lacerda, Patrícia. IV. Fortes, Viviane.

CDD: 305.48

Bibliotecária responsável: Jussara Feitosa de Santana CRB6/1094

Patrocínio:



Realização:



Apoio:



Produção:



Fomento:

Processo nº 01.042.069/22-80



